

Directora: **Nassalete Miranda**

13 Maio de 2020

Nº **266** | Preço: 2 euros

Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

José Rosinhas
Art Gallery Wall | Hous3
Exposição de Paulo Moreira
Até 5 de Junho
<http://joserosinhas.blogspot.com/>



EM NOTÍCIA | Pág. 23

LeV (nos) consigo em digital! A Literatura que viaja há 14 anos em Matosinhos

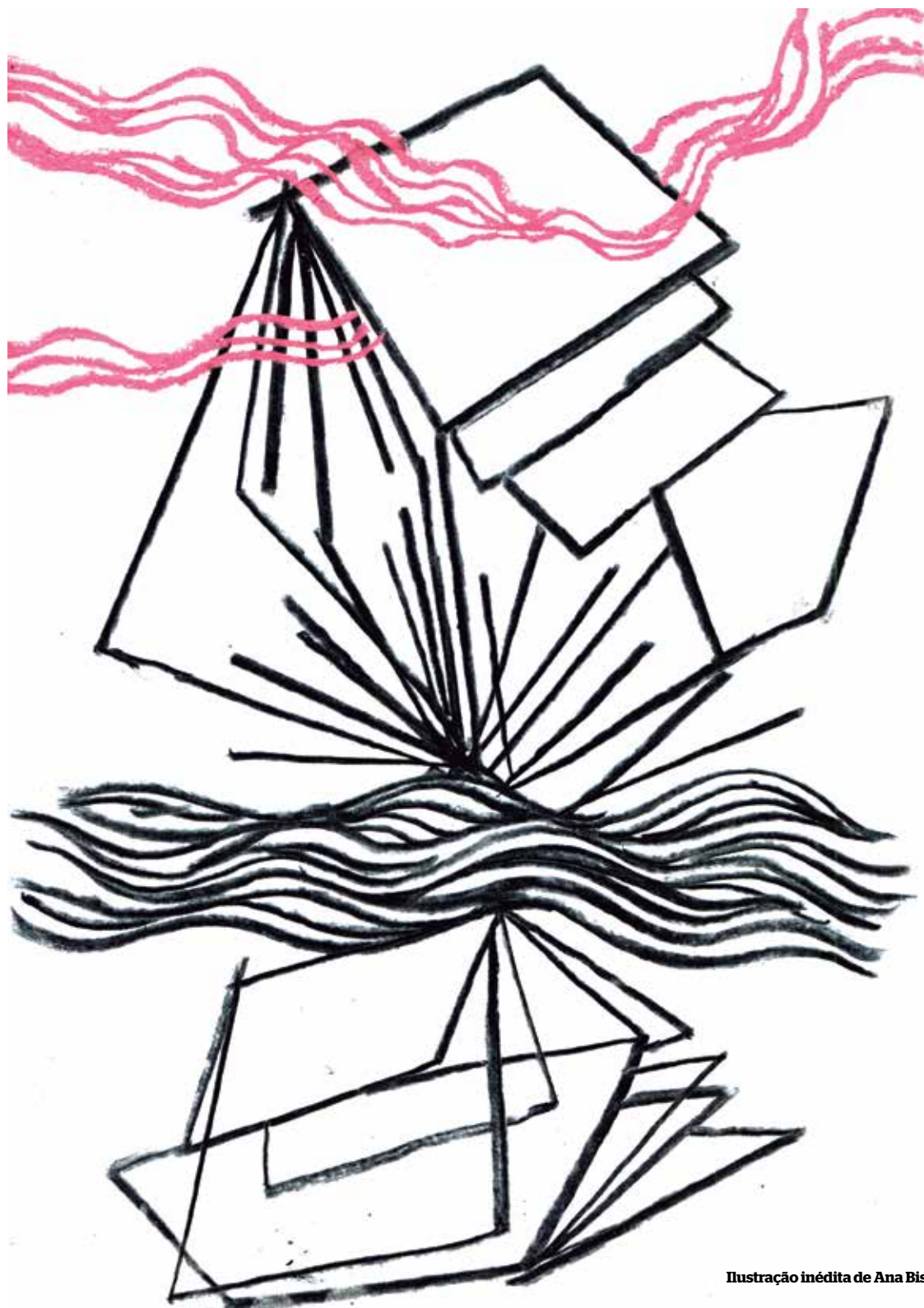


Ilustração inédita de Ana Biscaia

A VIDA DOS LIVROS | Pág. 3

**D. Manuel
Vieira Pinto
(1923-2020)**

Por *Guilherme d'Oliveira Martins*

ENTREVISTA | Págs. 4 e 5

**O director, João
Ribeiro Mendes,
no terceiro
ano do
CEPS (UMinho)**

Por *Isabel Ponce de Leão*

PATRIMÓNIO | Pág. 22

**Museus
Centenários
de Portugal:
O século XX.**

Por *Cristina Cordeiro*

LETRAS ANTIVIRAIS | Págs. 24 a 26

**A escrita como
antídoto**

Por *António Ferro,
Eugénio Lisboa,
Filomena Fonseca,
Isabel Silva Bernard,
J. Alberto de Oliveira;
Júlio Conrado; Luís Serrano;
Maria Antónia Jardim*



Singular Plural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: artesentreletras@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplur@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira

SEDE DE EDITOR E SEDE DE REDACÇÃO

CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq., 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selec - Artes Gráficas, LDA
Rua de Sistelo, 666
4435-452 Rio Tinto - Telef: 224 854 290

*Estatuto Editorial disponível no site
www.artesentreletras.com.pt*

PROPRIEDADE:

Singular Plural

NIF

509578942

TIRAGEM

1250 exemplares

ISSN 1647-290X

DL: 435812/17

Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | António Vitorino d'Almeida
Carlos Filhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
Levi Guerra | Lúcia Jorge
Mário Cláudio | Maria Luísa Malato | Miguel Cadilhe
Rui Nunes | Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

A. Campos Matos | Adolfo Gonçalves | **André Veríssimo**
António Ferro | **António José Borges** | António José Queiroz
António Oliveira | António Simões Netto | **Armando Alves**
Artur Serra Araújo | **Diogo Alcoforado** | Carlos Cabral Nunes
Cristino Cortes | Domingos Lobo | **Eugénio Lisboa**
Francisco d'Eulália | **Francisco Simões** | Guilherme d'Oliveira Martins
Gomes Fernandes | Helder de Carvalho | **Helder Pacheco**
Helena Mendes Pereira | **Inácio Nuno Pignatelli** | Isabel Pereira Leite
Isabel Ponce de Leão | Jorge Castro Guedes | **Jorge Sanglard**
José António Gomes | **J.A. Gonçalves Guimarães** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Júlio Conrado | **Lauro António**
Levi Guerra | **Luís Cabral** | Manuel Sobrinho Simões | **Manuela Aguiar**
Margarida Negrais | **Maria Antónia Jardim**
Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira | **Maria Luísa Malato**
Maria Virginia Monteiro | **Paulo Ferreira da Cunha** | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rodrigo Magalhães | **Rudesindo Soutelo**
Rui Baptista | **Silvina Pereira** | Vasco Rosa

PARCERIAS



APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do **EuroBic**



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

*A falta de alternativas clarifica
maravilhosamente a nossa mente"*

Henry Kissinger

13 de Maio é um bom dia para um manifesto anti Covid/19.

Assim, "Morra" o vírus, "morra! Pim"! E já!

Que os cientistas, investigadores e especialistas em virologia e doenças infecto-contagiosas façam o favor de descobrir depressa a bendita vacina, ou o medicamento eficaz para acabar de vez com o responsável por estes dias de inquietação tamanha!

Já se sabe que não haverá regresso à "normalidade" dos dias, porque depois do Coronavírus, nada voltará a ser como estávamos habituados - nem o bom, nem o menos bom!

Há, sim, o recomeço em moldes diferentes, com o afastamento laboral, familiar e social e com o uso de máscaras que nos tiram a identidade e o sorriso, deixando para o olhar toda a responsabilidade das nossas emoções. Sim, conseguimos falar e até nos escutamos mais uns aos outros, mas... não é a mesma coisa! Estranho as ruas da minha cidade. Não encontro os rostos conhecidos de um quotidiano de décadas. E como me fazem falta os abraços, os beijos, os apertos de mão!

Contrariamente à vontade do poeta, agora dizem que temos de adiar o coração; que é para nosso bem. Acredito que sim. Cumpro, mas muito contrariada!

Este ano não pude levar um mimo a minha Mãe no dia que o calendário dedica a todas as mães. Fui impedida de atravessar a ponte para ir a Gaia. Mas foi permitida a viagem entre concelhos para os manifestantes/sindicalistas da CGTP no 1.º de Maio. Estas excepções feitas à medida de interesses políticos, partidários e sindicais, entre outros, há muito que me não espantam, pelo que também não me surpreende a excepção às excepções que poderá ser a Festa do Avante! em Setembro. Diz o líder do PCP, Jerónimo de Sousa, que a Festa não é um Festival e que "os comunistas são muito criativos". Não dissecando a questão semântica, nem lembrando que a palavra festival deriva da palavra festa, eu não só não duvido da criatividade dos comunistas (pode ser que descubram o anticorona vírus no meio da multidão), como até tenho curiosidade de um dia ir à Festa do Avante!... pela música, apenas! Mas não será este ano! Como o ano 2020 não está a cumprir os dias felizes que estavam previstos nos votos, nos desejos e na esperança da noite de 31 de De-

zembro para 1 de Janeiro, apetece-me dizer: "Obviamente, demito-o"! E digo. Mas não resulta. Ele continua ímpio no número de mortos, de infectados, de internados, de desempregados, de falências, de lágrimas, de fome e, de tal forma, que até o sol se esconde! Dentro e fora do País. Dentro e fora da nossa rua.

Na impossibilidade real de fazer parar o tempo (até porque ele só parou nos manequins das montras), de o obrigar a voltar para trás e de apagar estes meses no calendário, partamos, não em "busca do tempo perdido", mas sim do "Santo Graal" de cada um de nós e que está ao alcance das nossas memórias alegres e felizes.

É aí que voltamos a sorrir, porque no passado fomos todos corajosos. Agora é agarrar com força essas imagens e seremos invadidos pela certeza de que vamos vencer. Juntos. Porque é juntos que temos de aprender uma nova vivência e convivência. Porque só juntos e em responsabilidade colectiva, cuidaremos de nós e dos outros. Porque só sendo disciplinados e respeitando as regras, poderemos ter a esperança de vencer o vírus cruel. Temos, cada um, de fazer a nossa parte. Não se pode facilitar, porque, dizem os especialistas, corremos riscos de deitar a perder tudo o que já se conseguiu, se as pessoas começarem a pensar que "desconfinamento" progressivo significa fazer tudo o que apetece. Pois que não é! Sem uma atitude responsável, as filas de quem pede pão não acabarão tão depressa. É preciso confiança para a economia escancarar as portas! Já agora, peço aos "repórteres" que teimam em identificar os rostos de quem pede uma sopa, que tenham VERGONHA! Não vale tudo em nome do direito de informar. Não vale tudo em nome das audiências! Numa democracia, os cidadãos têm direito ao anonimato, tanto da sua alegria, como da sua desgraça!

Que todos façam o favor de se proteger, e boas leituras em artes feitas, nestes dias com Literatura em Viagem, o Festival Literário de Matosinhos que nos entra em casa para matar o Covid/19.

"Morra" o vírus, "morra! Pim"!

ERRATA

Por lapso, na edição 265, de 29 de Abril de 2020, foi omitida a data do poema Whan, de A. Riomonte, 2020-04-03, na pág. 24. Pelo facto, as nossas desculpas ao autor e aos leitores.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda: Porto - Poetria, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis, Livraria Lello, Árvore, Unicepe, Tabacaria Batalha (Praça da Batalha, 151) e Tabacaria Maria Margarida (Rua Antero de Quental, 472), Tabacaria Santo António (Rua 31 de Janeiro, 20), Tabacaria O Papelão (Rua da Constituição, 15) **Gaia** - El Corte Inglés, Livraria Velhotes (Rua Gil Eanes) **Póvoa de Varzim** - Tabacaria Praça Marquês do Pombal **Vila Real** - Livraria Traga-Mundos



Guilherme
d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

D. Manuel Vieira Pinto (1923-2020)

Muitos de nós começámos a ouvir falar do Padre Manuel Vieira Pinto a propósito dos encontros do Movimento por um Mundo Melhor (MMM) e da sua capacidade de mobilizar os cristãos portugueses, desejosos de verem horizontes abertos. Era o espírito do Concílio que estava a germinar e o carisma do Padre Manuel era capaz de tornar os sinais dos tempos marcas efetivas de mudança...^(*). Nascido em Amarante em 1923 foi ordenado presbítero no Porto em 1949, tendo sido assistente da Ação Católica, diretor espiritual do Seminário Diocesano no Porto, além de ter desempenhado funções nas paróquias de Campanhã e Cedofeita. Envolvido no MMM, visita Roma em 1960 e na sequência do Concílio Vaticano II, participa com o Padre Vítor Feytor Pinto num conjunto de ações no sentido da renovação da Igreja. A renovação da vida cristã, a leitura dos sinais dos tempos, o lançamento de estratégias que favorecessem a mudança e a conversão, bem como a promoção da justiça social, a paz e a reconciliação entre os povos e nações constituíram prioridades defendidas pelo Padre Riccardo Lombardi, S.J., fundador em 1952 do Movimento. A teologia do Concílio constituiu um corolário lógico desse espírito e um exigente desafio em que o então jovem sacerdote se envolveu com muito entusiasmo e com uma especial preocupação teológica e pastoral. E assim impulsionou em Portugal esse movimento e essa motivação. E muitos recordam a sua grande capacidade mobilizadora no sentido de uma Evangelização renovada e aprofundada, na linha da "Gaudium et Spes" e da "Lumen Gentium" - em iniciativas que ficaram na memória de todos no Pavilhão dos Desportos em Lisboa e no Palácio de Cristal no Porto. O Povo de Deus não era uma abstração, era um apelo concreto, para tornar o mundo melhor, com mais atenção e cuidado, mais justiça e paz. Em abril de 1967, o Papa Paulo VI nomeou-o Bispo da nova Diocese de Nampula, tendo recebido a ordenação episcopal no dia 29 de junho desse ano, festividade de S. Pedro.

Ao chegar à sua nova diocese faz questão de assumir uma atitude aberta, de acordo com o espírito conciliar. E assim, para escândalo de alguns, logo no aeroporto, beija uma criança africana, antes das autoridades civis e militares, como sinal de paz e da universal dignidade humana. Mas as dificuldades começam logo. Pouco depois de chegar, corresponde a um pedido dos comandos militares e do Movimento Nacional Feminino para presidir a uma celebração em memória dos militares portugueses mortos em combate. Aceita, afirmando, porém, que também devia lembrar todos os mortos, uma vez que a Igreja não tem inimigos.

"Esta minha observação causou uma certa surpresa (disse D. Manuel). E a surpresa tornou-se escândalo quando, na homília, afirmei, entre outras coisas, que a guerra era um mal e uma fonte de males e que a paz jamais viria das armas". Racismo e guerra, bem como a denúncia da violência, iriam constituir pontos marcantes da missão do Bispo. Para D. Manuel Vieira Pinto, "a discriminação racial, a falta de respeito pelo homem negro, a ausência total de convivência entre brancos e negros, a falta de diálogo do bispo com os seus cristãos, em maioria negros, eram pecados que saltavam imediatamente à vista. Mas as tensões políticas eram claras, e levaram a um ponto de rutura quando foi publicada a carta pastoral "Repensar a Guerra", em janeiro de 1974, onde se dizia que o conflito em Moçambique era uma guerra não desejada. E então perguntava pelas causas, falando de mentiras e violência e do legítimo direito à autodeterminação. A guerra surgira da "tomada de consciência dos povos ontem dominados por sistemas coloniais, hoje em busca progressiva de uma justa e efetiva emancipação". Importaria assim dar mais atenção à ação política do que à força das armas, pelo "reconhecimento da dignidade do homem e do povo de Moçambique e das iniciativas que (dessem) conteúdo e expressão real aos direitos inerentes a uma justa e progressiva autodeterminação". Cerca de um mês depois, o Bispo e os Missionários Combonianos, que trabalhavam na diocese, publicaram uma carta, sob o título "O Imperativo de Consciência", onde se defendia a autonomização e das estruturas missionárias. Em consequência, a 10 de abril, quinze dias apenas antes da revolução democrática em Portugal, D. Manuel é expulso da diocese e quatro dias depois, o governo força-o a sair de Moçambique e a regressar a Lisboa. No entanto, no mesmo mês de abril inicia-se o processo de descolonização e D. Manuel regressa a Moçambique em janeiro de 1975.

Mas o Bispo não baixa os braços no seu combate pastoral pela liberdade, pela justiça e pela emancipação dos moçambicanos. O desenvolvimento é, afinal, o outro nome da paz, que disse S. Paulo VI. Iniciava-se um novo capítulo no seu múnus. Samora Machel respeita o Bispo, até pelo papel desempenhado na luta contra o racismo e o colonialismo e na defesa da autodeterminação. Mas, quando D. Manuel se encontra com o Presidente do país recém-chegado à independência, levanta questões polémicas, como a dos campos de reeducação criados pela FRELIMO, onde não se estavam a respeitar os direitos elementares dos cidadãos. Em encontros e cartas, D. Manuel susci-

ta questões ligadas a novos atentados à dignidade humana, à falta de liberdade individual e de liberdade religiosa, às prisões arbitrárias, aos erros e violência do sistema. E a partir de 1980, as conversas do Bispo com Samora Machel incidem essencialmente sobre o tema da guerra civil e a ameaça ditatorial do regime. Em janeiro de 1984, dez anos depois da sua expulsão, D. Manuel assina uma nova carta pastoral intitulada "A Coragem da Paz", onde pede ao Governo e à Renamo que "se empenhem com coragem e decisão, com espírito de serviço e bem integral do povo e da nação, na construção da paz, hoje e aqui". E já no final da vida, era "o próprio Presidente Machel que lhe falava da violência e da desumanidade do sistema". Em maio de 1984, o prelado solicita, em nome do povo, ao seu Presidente o gesto de negociações com a Renamo. "Não, não me peça uma coisa dessas". E o Bispo insistiu. "O Presidente olhou-me, deixando transparecer a luta que lhe ia no espírito e perguntou-me: 'Com quem vou falar?'. Respondi: 'Eu não sei, presidente. Não sou político nem tenho meios políticos que me permitam saber quem são os responsáveis'". Então ajudou ao caminho da paz e da reconciliação e discretamente apoiou as negociações que levariam ao Acordo Geral de Paz de 1992. Houve um outro dia em que Samora Machel fez a pergunta que tem sido tão propalada: "Por que é que você, que é bispo, quando vem falar comigo nunca me fala de Deus e da religião, mas do povo, da defesa dos seus direitos e da sua dignidade?" E o homem da Igreja respondeu: "Porque um deus que precisasse da minha defesa seria um deus que não é Deus. Deus não precisa que o defendam. O homem sim". Em 1998, D. Manuel Vieira Pinto pediu ao Papa a resignação por ter chegado ao limite de idade, mantendo-se ainda à frente dos destinos da arquidiocese até novembro de 1980, sucedendo-lhe D. Tomé Makhweliha. Mário Soares tinha-o condecorado com a Ordem da Liberdade... D. Manuel deixou-nos há poucos dias. O seu exemplo perdurará para sempre!

^(*) D. Manuel Vieira Pinto Arcebispo de Nampula - Cristianismo: Política e Mística", de Anselmo Borges (Edições Asa, 1992), é uma obra que espelha a ação de uma das maiores figuras da Igreja portuguesa contemporânea, com uma extraordinária coerência entre a palavra, o espírito e a ação.

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Terceiro aniversário do Centro da Universidade do Minho

Entrevista ao diretor

João Ribeiro Mendes, diretor do Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS), é Professor da Universidade do Minho, doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, especialista em Filosofia da Tecnologia e Estudos do Antropoceno. Por altura do terceiro aniversário do CEPS, falou com a professora Isabel Ponce de Leão para o jornal As Artes entre As Letras.

Como caracterizaria brevemente o Centro de Ética, Política e Sociedade?

O Centro de Ética, Política e Sociedade é uma unidade de investigação da Universidade do Minho especializada nos domínios da filosofia política e da ética aplicada, a única no plano nacional, segundo julgo saber, que tem essa natureza. Isso mesmo, aliás, foi realçado na avaliação FCT a que fomos recentemente submetidos por um painel internacional de peritos que nos visitou. Somos um centro jovem apostado em produzir investigação e conhecimento de qualidade nesses dois domínios. Trabalhamos afincadamente para chegarmos a ser um centro de referência internacional, atraente para investigadores de nível e onde se desenvolvem projetos de investigação com impacto social em filosofia política e da ética aplicada.

Disse que o CEPS é jovem. Quando foi criado?

Essa mesma pergunta foi-me colocada há uns meses pela reitoria da Universidade do Minho, no âmbito da preparação de um anuário da investigação científica na nossa academia e confesso que tive de ir procurar a data exata da criação do CEPS, ainda que não tenha sido há muito tempo. 27 de março de 2017. Foi oficialmente constituído nessa segunda-feira. É claro que a ideia nasceu antes, no verão de 2015. Eu era na altura coordenador da linha de ação em filosofia e cultura no Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), a outra unidade de investigação do Instituto de Letras e Ciências Humanas da UMinho. O CEHUM, originalmente registado como centro de estudos em Literatura, mas que se abriu depois aos estudos em Linguística e mais tarde aos de Filosofia, tinha acabado de ver a sua classificação descer de excelente para bom e ser exortado pela FCT a reestruturar-se. Nesse verão, depois de uma intensa discussão com alguns colegas, tornou-se claro que era o momento certo para sairmos do CEHUM e nos aventurarmos na criação de um novo centro de investigação. Seguiu-se um ano e meio de esforços para consegui-lo, mas no início da Primavera



de 2017 eu e mais uma dezena de colegas investigadores fundámos o CEPS.

E o que têm feito desde então?

Trabalhar loucamente. Depois daquele sentimento inicial de termos conseguido fazer algo de importante, pois não é todos os dias que se cria um novo centro de investigação, começou a instalar-se alguma ansiedade sobre se éramos suficientemente bons para levar a empresa por diante. Rapidamente conseguimos tornar-nos numa unidade de investigação registada na FCT, mas como só fomos avaliados pela primeira vez em 2019, consegue imaginar a pressão que enfrentámos durante mais de dois anos. Nesse período, para além de limitações decorrentes da austeridade e rigor financeiros que tivemos de enfrentar, também, por exemplo, não sei se sabia, não podíamos acolher bolseiros. Pode imaginar a felicidade que senti quando no final do ano passado recebi a notícia de que a FCT nos tinha atribuído a classificação de Muito Bom e que iríamos receber uma dotação financeira para o quadriénio 2020-2023 de 750.000 euros. De um dia para o outro, passámos a ser o centro

da UMinho com maior dotação financeira por investigador e também a terceira melhor com esse rácio no país. Todo o grupo de investigadores do CEPS sentiu que tinha sido um justo reconhecimento pelo enorme esforço feito ao longo de dois anos e meio de existência. Esforço de levar por diante 6 projetos de investigação, esforço de organizar quatro grandes eventos científicos anualmente, entre os quais o Encontro Ibero-americano de Estudos do Antropoceno, esforço de realizar um Seminário Permanente com periodicidade mensal, esforço de editar a revista *Ethics, Politics and Society*. Tudo isto, como se compreende, exigiu e continua a exigir muito dos membros do CEPS.

Que projetos de investigação são esses de que falou?

Refro, muito brevemente, apenas aquele que eu próprio coordeno e que inquiri sobre o que o Secretário Geral da ONU, António Guterres, apontou como “o problema que define o nosso tempo”, o da excessiva intervenção da nossa espécie no funcionamento dos ecossistemas planetários que está a provocar

de Ética, Política e Sociedade

o aquecimento global, outras preocupantes alterações climáticas, crises ambientais e catástrofes ecológicas. Tem-me permitido examinar os desafios filosóficos que ele coloca, procurando trazer à consciência pública implicações éticas e políticas desse novo estado de coisas geocivilizacional que alguns chamam Antropoceno.

Tem havido muitas críticas à política seguida pela FCT. Que leitura faz do assunto?

É fácil e tentador juntar-me ao coro dos críticos da FCT. Muito há por onde pegar, ainda que, pelo menos em aparência, a situação de enorme tensão entre a FCT e a maioria dos investigadores que tivemos entre 2011 e 2015, os anos da Troika, tenha ficado mais atenuada na atual presidência de Paulo Ferrão. Um dos problemas crónicos é o do desfasamento entre retórica e realidade, entre os anúncios de mais milhões de reforço do sistema de investigação científica nacional e o desinvestimento efetivamente ocorrido no mesmo, particularmente nos últimos quatro anos. A desconfiança é grande e tem conduzido muitos investigadores ao desânimo. Depois, há também um indistigável mal-estar em relação ao centralismo da capital. Pode ser que esteja a ser injusto, mas veja-se, por exemplo, o que se passou com os últimos concursos abertos pela FCT de estímulo ao emprego científico e para desenvolvimento de projetos científicos em todos os domínios. Quase todas as bolsas atribuídas e todos os projetos financiados ficaram em Lisboa. Não é estranho? De vez em quando lá nos caem umas migalhas, talvez para que nos mantenhamos calados e sossegados. As edições de 2020 para esses concursos que referi estão abertas. Veremos se é desta que as coisas mudam, embora um colega mais desiludido me tenha dito há dias que tudo se irá repetir e Lisboa ficará de novo com tudo. Temo que ele tenha razão e que não venhamos a ter qualquer bolsa ou projeto aprovados no CEPS. É triste, porque estou absolutamente convencido que a investigação filosófica na UMinho, em particular no nosso centro, é do que melhor se faz em Portugal. Assim, talvez seja a inveja que esteja a impedir que consigamos mais.

Deteto um certo pessimismo nas suas palavras. É assim?

De todo. Faço parte do grupo daqueles que o Presidente da República apelidou de “irritantes otimistas”. Para mim o futuro tem o melhor. É claro que isso não significa escamotear problemas. As universidades estão a transfor-

mar-se, atribuindo um peso cada vez maior às atividades de investigação em detrimento das de ensino. Várias assumem essa metamorfose como uma condição para a sua sobrevivência. Isso parece inédito no nosso país. Acontece que as universidades não estavam nem estão ainda preparadas para o boom de investigadores no seu espaço. É bom ter mais investigadores nas universidades, mas teremos de dar-lhes melhores condições para trabalhar. Outro problema é, como disse, o do subfinanciamento. No entanto, talvez um ainda maior esteja a ser o da dificuldade em dispor daquele que há. Quem dirige um centro de investigação luta hoje diariamente contra cativações de verbas e contra requintes de malvadez burocrática para retardar as transferências de verbas ou o seu uso. O exemplo que lhe vou dar faz-nos balancear entre o riso e o desespero. Imagine que um investigador do nosso centro pretende dispor de uma verba destinada a apoiar a sua participação num evento científico. Coisa banal, certo? Pois, a primeira coisa que há a fazer é cabimentar essa despesa. Fácil. A seguir fica-se à espera que haja plafond na empresa que vai fornecer os serviços (passagens aéreas e hotel, por exemplo) e que haja autorização superior para fazer a despesa. Nada de especial. Acontece que, com demasiada frequência, cada vez mais frequência, ou não existe esse tal plafond ou há, mas como a autorização demora demasiado a ser dada, é preciso repetir tudo várias vezes. Este trabalho sisífico desmotiva o pessoal administrativo, desmoraliza os investigadores que cada vez mais se queixam de não consegui-

rem satisfazer os seus compromissos ou mesmo perder oportunidades e, obviamente, força ao mau uso dos dinheiros públicos, uma vez que essas demoras fazem aumentar desnecessariamente os gastos, como acontece quando o custo de uma passagem aérea triplica em menos de um mês. Apesar dessas dificuldades, permaneço confiante no futuro do CEPS. Lidero uma equipa de investigadores de elevado nível e cada vez mais internacionalizada. Uma equipa que vai aumentar, pois só este ano vamos poder contratar mais oito novos investigadores e aproximarmo-nos das duas dezenas e meia. Estamos a atrair investigadores de todo o mundo. Depois, entre a dotação orçamental da FCT que já referi e o obtido com o financiamento de projetos vamos poder contar nos próximos quatro anos com quase um milhão de euros. Estou, pois, confiante que o CEPS continuará a granjear o reconhecimento alcançado dentro e fora da UMinho e a ver os seus serviços de pesquisa, formação e consultoria muito requeridos pela academia, pela comunidade científica e pela sociedade.

Sente-se realizado como diretor do CEPS?

Realizado não diria, mas feliz sim. Feliz por ao fim deste tempo, ao fim de apenas estes três anos, as pessoas falarem do CEPS como se ele ali tenha sempre estado. Realizado ficarei, talvez, se, no final do meu mandato, e cumpridos os objetivos a que me propus, constatar que os meus colegas mal deram pela minha existência e disserem “fomos nós mesmos que fizemos tudo”.





Cristino Cortes
escritor

Dois livros de auto-ajuda do século

Li-os nas últimas férias, e um tanto involuntariamente no caso do segundo (uma releitura, como se verá). De há muito tinha curiosidade em conhecer o Casamento Perfeito de Diogo de Paiva de Andrada, obra que comprara há quase dez anos, numa então recente reedição da Sá da Costa. Vem ela prefaciada pelo Professor Fidelino de Figueiredo, o qual informa haver sido publicada inicialmente em 1630, e ser seu autor um sobrinho da Condessa de Linhares, D. Violante de Andrade, a conhecida ama, musa, protectora e porventura perseguidora (na fase dos ciúmes), dizem que amante, na juventude de ambos, de Luís de Camões.

O ilustre Professor não entra nestes amores e parentescos, antes refere que este Diogo de Paiva de Andrada era homónimo de um seu tio que este, sim, era irmão da famosa condessa. E assim sendo... são de todo legítimas as minhas conclusões, uma vez que este escritor era filho de Francisco de Andrada, irmão de Violante e de Diogo.

No seu prefácio faz Fidelino de Figueiredo um paralelo entre esta obra e a Carta de Guia de Casados, de D. Francisco Manuel de Melo, de 1650 mas publicada no ano seguinte, de algum modo pretendendo que ela destronou e substituiu a primeira. Eis a razão por que logo de seguida procedi à sua releitura. Devo dizer, aliás, que dela já bem pouco me lembrava. (Também, a quase quarenta anos de distância...) Pouco mais na verdade do que o pormenor do seu voto de que Deus o livrasse de «mula que faz *him* e de mulher que sabe latim». Reparo agora que ele apenas reporta o curioso dito de um chapaço recoveiro. De sua lavra acrescenta D. Francisco Manuel: O ponto está em que o latim não é o que dana; mas o que traz de outros saberes envolto aquele saber.

Está pois explicada a escolha das minhas ocupações estivais. Jamais tiveram estas obras a designação sob que agora as agrupo - a qual nesse tempo nem sequer existia. Mas a matéria é essa e qualquer delas visa explicar opiniões e conselhos sobre a forma de levar a empresa do casamento a bom porto. Ambos os autores se servem de um artifício semelhante: Diogo de Paiva de Andrada pretende que o trabalho lhe foi encomendado por um amigo, ao qual se pretendeu escusar por se considerar «casado tão imperfeito»; D. Francisco Manuel de Melo balanceou entre o amor e a obediência a um seu primo, quase homónimo, que lhe pedira idêntico feito. O primeiro, não nomeado, estava casado há muito, e Paiva de



FOTO: DR

Andrada diz que pouco mais fez, vivendo ele com sua mulher tão perfeita e concertadamente, «do que ir retratando ao natural suas acções e procedimentos»; D. Francisco de Melo, por sua vez, preparava-se para casar.

Os dois autores, apesar do pequeno intervalo com que publicaram as respectivas obras, parecem-me situar-se, no entanto, em posições quase antagónicas: enquanto um estava virado para o passado, o outro anunciava e vivia já o futuro.

A obra de Paiva de Andrada é um produto típico da Contra-Reforma, um tratado quase religioso, abundando em citações de autores clássicos e católicos - felizmente fazendo-as acompanhar da sua tradução para português a partir do seu original latino, dentro da mais estrita ortodoxia. Fidelino de Figueiredo diz tratar-se de um «instrumento nobre de dignificação e cristianização do matrimónio, à luz das doutrinas fixadas em Trento», pertencendo mais à história das ideias morais do que propriamente à literatura, no que me parece haver algum exagero. É uma obra teórica, sem grande proveito em termos de conhecimento da realidade do seu tempo, nessa específica atmosfera familiar. O seu estilo é rebuscado e à primeira leitura pouco compreensível - longuíssimos parágrafos que porventura influenciaram Saramago.

D. Francisco Manuel, por seu lado - escreven-

do apenas vinte anos mais tarde -, é a perfeita antítese desta posição. De todo dispensando a legitimação da esfera religiosa ele baseia-se, tão somente, na sua experiência e opinião. Dirige-se ao leitor como quem conversa, naturalmente, à lareira, numa noite de Inverno. Ele quase não tem citações - e as poucas que comparecem são em castelhano, uma língua viva e então quase comum em Portugal - e antes abunda em provérbios, anedotas, casos mais ou menos pitorescos e ilustrativos, coisas que a propósito lhe disseram. O seu estilo é ágil, divertido, moderno - e não admira, sendo a matéria a mesma, que a sua obra tenha de todo substituído o tratado de Paiva de Andrada. Neste ponto ajuizou bem, seguramente, Fidelino de Figueiredo.

Ambos os autores, naturalmente, não puderam fugir ao tempo em que viveram. O casamento para eles é o abençoado pela Igreja - ainda que D. Francisco Manuel de Melo jamais tivesse casado, sem prejuízo de nessa altura já ser pai. Nenhum deles fala de divórcios - e é óbvio que seria impensável o que decerto ambos chamariam autêntica aberração, a de imaginar um casamento entre pessoas do mesmo sexo. E nas circunstâncias da vida familiar sobre que discorrem jamais houve um aborto - nem nenhuma mulher do seu meio terá perdido a virgindade antes do casamento. Paiva de Andrada acha mesmo que falar

XVII

de hímen, donde deriva o termo de himeneu, não é muito próprio - por honestos respeitos não convém que aqui se declare, diz ele, logo no início.

Compreende-se, assim, que os assuntos versados nestas duas obras não sejam muito diferentes. A esse respeito o índice de Paiva de Andrada é talvez o documento mais elucidativo - visto que a Carta de D. Francisco o dispensa. Eles falam pois do que concorre para a felicidade do casamento: a igualdade (de fortuna e idade, sobretudo) entre os nubentes; o amor e a confiança, que não podem ser escassos nem exagerados; a beleza e a moda, digamos assim; os perigos do jogo, da avareza e da liberalidade; o papel da devoção e frequência das igrejas; o mal da ociosidade; a inconveniência de demasiadas conversas, amizades e influências; a alegria e educação dos filhos; o desaconselhamento claro dos segundos casamentos e das madrastras.

D. Francisco Manuel acrescenta-lhe ainda, como mais prático, as relações com a criadagem, o governo quotidiano da casa, o casamento dos filhos, a existência e o tratamento dos bastardos, a presença ou o afastamento da Corte. Sempre com bom senso e moderação, admitindo que os seus conselhos não são regras gerais e muito menos absolutas.

Em termos de extensão também as duas obras não deverão andar muito longe uma da outra. Diogo de Paiva de Andrada organizou a sua em 26 capítulos; D. Francisco Manuel de Melo dividiu a sua Carta em 56, naturalmente que mais curtos - e alguns mesmo muito reduzidos, quase anotações para não se esquecer do que queria dizer.

Sintomática e sintética do estilo e da atmosfera de Diogo de Paiva de Andrada é o seu último capítulo, Os proveitos que se tiram da perfeição do casamento, que eu aqui tomo como exemplo. No caso dos filhos diz ele que «sabida coisa é entre os filósofos, e bem ventilada entre os curiosos, que costumam os filhos tomar semelhança daquelas coisas em que seus pais ou mães põem eficaz imaginação». Refere então como Torquemada conta de uma mulher que, impressionada com uma máscara de diabo com que o marido viera de uma certa festa, viu nascer-lhe um filho que era a cópia exacta dessa máscara - e como bom diabo, como se tivera o diabo no corpo, digo eu, logo em nascendo começou a correr, e saltar, e a fazer outras obras e maravilhas. Que adiantamento, hein!

Uma outra foi barbaramente acusada de adultério por lhe nascer um filho muito formoso, sendo ela e o marido horrendamente feios. Explicou o incompreensível facto com as muitas vezes que, durante a gravidez, fixara uma imagem pintada muito perfeita que em sua casa havia - e com a qual o menino afinal se parecia.

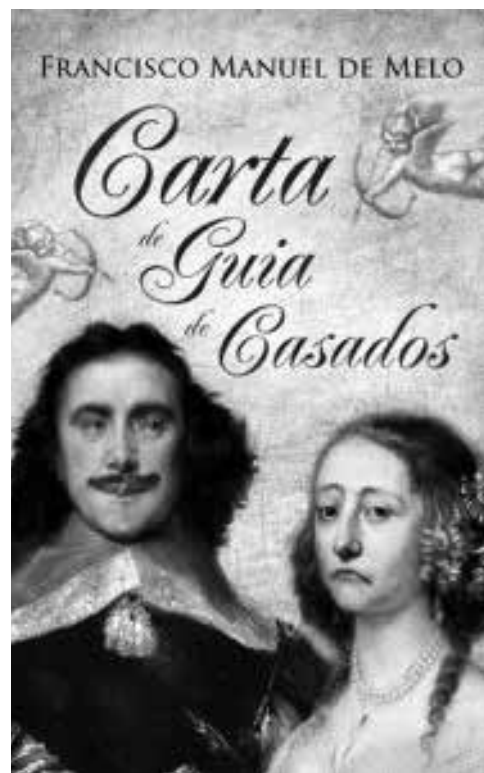
Referirei apenas mais um caso: o de uma mulher alemã, muito grande herege, sempre a desejar a morte aos sacerdotes católicos - e desta veio a nascer um filho com uma coroa aberta, como se tivera ordens de missa. Aqui Paiva de Andrada hesita e confunde-se: «Ainda que isto podia ser juízo divino para confusão de sua heresia, também se pode atribuir a efeito natural para confirmação desta doutrina». De qualquer forma, oh meus amigos, era este o quadro mental tratado por Diogo de Paiva de Andrada - já bem entrado no século XVII.

Mas eu pela minha parte gostaria de terminar com uma amostra do estilo da Carta - dado que a obra de Paiva de Andrada me parece efectivamente menos capaz de ser entendida e apreciada nestes tempos que são os nossos. (Em termos de técnica literária, de evolução da língua, da lembrança do latim - a sua leitura não é tempo perdido. Mas cumpre reconhecer que ela não atrairá mais do que alguns especialistas e professores - que, provavelmente,

te, a estudarão apenas por dever de ofício. E alguns curiosos como eu, evidentemente.)

Sabendo D. Francisco Manuel de Melo que o poderiam acusar de pouco simpático para com as mulheres - eivado de misoginia, diríamos hoje - ainda transcrevo o parágrafo, em que ele se declara disponível para desenvolver um programa semelhante, mas agora na óptica das mulheres: «Mas se contudo parecer às mulheres excessivamente rigorosa esta minha doutrina, certifico-lhes que meu ânimo não foi esse, senão encaminhar tudo à sua estimação, regalo e serviço. E porque assim se veja mais certamente, haja de mim quem queira outra Carta para as casadas, e então se verá quão bem advogo por sua parte, quanto ao que pelos maridos deixo dito, as mulheres se não dêem por satisfeitas».

Não tendo, no entanto, D. Francisco concretizado esta sua tão democrática e louvável intenção não temos outro remédio, mulheres e homens - e que prazer gostoso não é! - que ler a carta que efectivamente escreveu. A minha edição é já muito antiga - um livro de bolso da RTP, número 12 da sua colecção Biblioteca Básica Verbo (que se completaria com o número 100, Os Lusíadas), publicado no já recuado ano de 1979. Mas haverá outras edições mais recentes, certamente. É uma questão de procurar.





Adelto Gonçalves
doutor em Literatura Portuguesa (USP)

Rodolfo Alonso, o fabricante de encantos



FOTO: DR

I. Depois de conhecer *Antologia Pessoal*, do poeta argentino Rodolfo Alonso, edição bilingue, com traduções de José Augusto Seabra (1937-2004), Anderson Braga Horta e José Jeronimo Rivera (Brasília, Thesaurus Editora, 2003), o leitor brasileiro tem a oportunidade de entrar em contato com *Poemas Pendentes*, do mesmo autor, igualmente em edição bilingue, com tradução de Anderson Braga Horta e apresentação de Lêdo Ivo (1924-2012), que chegou ao mercado pela Editora Penalux, de Guaratinguetá-SP. Um dos maiores poetas latino-americanos do nosso tempo, Rodolfo Alonso tem tudo para ser o primeiro argentino a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, mas, a exemplo de Jorge Luis Borges (1899-1986), Julio Cortázar (1914-1984) e Ernesto Sabato (1911-2011), corre o risco de ser igualmente esquecido pela Academia Sueca, que, na América Latina, premiou Gabriela Mistral (1945), Miguel Ángel Asturias (1967), Pablo Neruda (1971), Gabriel García Márquez (1982), Octavio Paz (1990) e Mario Vargas Llosa (2010).

II. Na contracapa, há um texto de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) em que o poeta diz que Alonso não usa as palavras pela sensualidade que desprendem, mas pelo silêncio que concentram. Mais: que “sua poesia tenta exprimir o máximo de valores no mínimo de matéria vocabular, impondo-se por uma concisão que chega à nudez”. Quer dizer, depois de uma apresentação como essa, não há muito para um resenhista o que acrescentar. Mas ainda vale a pena reproduzir o que Lêdo Ivo no prefácio disse dele, a quem chamou, com incontestável precisão, de “fabricante de encantos”: nesta coletânea, os poemas se exibem sempre em sua nitidez e concretude, com a rigorosa face imagística. Lêdo Ivo, outro grande poeta esquecido pela Academia Sueca, aponta para o pano de fundo que cerca a poesia de Rodolfo Alonso, dizendo que sempre aponta para “uma era de emergências e turbilhões do século XX, como seu extenso catálogo de colisões e mudanças”. É o que se pode ver neste trecho do poema mais extenso desta coletânea, “Ocupem-se de Arlt”, de 1977, em que ele homenageia o romancista Roberto Arlt (1900-1942), que, em tão pouco tempo de vida, criou obras fundamentais, como *Los siete locos* (1929), um romance sobre a impotência do homem diante da sociedade que o oprime e obriga a trair seus ideais e a aceitar a hipocrisia burguesa. Eis um trecho:

*Recordo a primeira vez que vi atuar a Aliança
os primeiros noticiosos do pós-guerra
rostos de homens mulheres meninos judeus quase sempre
em ossos atrás de arame farpado
os campos de concentração que nunca esquecerei*

*como o inextinguível esplendor leproso do cogumelo de
Hiroxima*

*a primeira vez que foram me buscar no colégio um dia de chuva
como um casaco para lançar-me aos ombros não tinha capa
Recordo o barulho da chuva sobre o teto de um automóvel dentro
do qual sou um menino que sobe pela primeira vez num carro
quando havia poucos carros
e descobre ambas as coisas
a intimidade de um interior em movimento a intimidade da chuva
a cara íntima que a cidade dá à chuva no outono o prazer de
escutar chover sobre um teto
Recordo a impossibilidade da prosa para contar tudo isso
Recordo estas duas linhas de Rafael Alberto Arrieta
("Sol da manhã/ glória do inverno")
lidas num de meus primeiros livros de leitura
nas quais sem dúvida descobri a poesia
por experiência própria
e de uma vez para sempre
Quisera vir a ler outra vez **Os sete loucos** (...)*

Para o leitor brasileiro – pouco conhecedor da história argentina –, o tradutor Anderson Braga Horta lembra que a Aliança aqui citada é uma referência ao violento grupo de extrema direita Alianza Libertadora Nacionalista, muito ativo à época do primeiro período do governo de Juan Domingo Perón (1895-1974), que vai de 1946 a 1955. Acrescente-se aqui que Rafael Alberto Arrieta (1889-1968) foi um professor e poeta que chegou a ocupar a presidência da Academia Argentina de Letras (1964), ligado ao modernismo do nicaraguense Rubén Darío (1867-1916), que nada tem a ver com o modernismo brasileiro, mas com a tendência francesa *art nouveau*.

Composto em parte por poemas mais antigos que não apareceram em livros anteriores e em parte por poemas recentes, alguns curtos, de duas linhas, mas não *hai kais*, este livro traz ainda uma homenagem – a que poucos poetas brasileiros fizeram – à cantora brasileira Maria Bethânia, de 2007, em que se lê:

*(...) Há tom, há densidade,
há gravidade, há timbre,
há palavra que canta
e há música que expressa
a pulsação que sentes.
Rege, Bethânia, ordena
a poesia do mundo,
torna o caos em sentido,
a altura em canto fundo,
e faz do intenso, alento (...)*



NOTA

Poeta, tradutor e ensaísta reconhecido internacionalmente, Rodolfo Alonso (1934) foi pioneiro na tradução para o castelhano na América Latina dos poemas de Fernando Pessoa (1888-1935).

NOTA

Poemas Pendentes, edição bilingue. **Rodolfo Alonso**. Tradução e notas de Anderson Braga Horta, com apresentação de Lêdo Ivo. Guaratinguetá-SP: Editora Penalux, 2016, 198 págs.



Domingos Lobo
escritor, programador cultural

Palavras com “vísceras” num Porto a perder identidade

«[...]E o autor de *Guerra e Paz* assombra o francês: o gênio e a obra de Shakespeare «são um equívoco universal». De toda a sua obra, «ressalta um aborrecimento mortal. Mas ninguém pensa nisso e os que o poderiam dizer, não ousam fazê-lo.»

O que nos prende à ductilidade da escrita de Francisco Duarte Mangas (FDM) é a sensível inteligência do seu ordenamento discursivo, a serenidade e a contenção narrativa, o surreal que habita o subtil humor que a envolve, a pulsão poética da linguagem a lembrar Carlos de Oliveira. Tudo isto e o mais que adiante se verá, fazem de FDM um dos mais interessantes autores da sua geração, bastando-nos para tanto títulos como *Jacarandá*, *Pavese no café Ceuta* e este *A Cidade das Livrarias Mortas*, para referir aqueles que têm o Porto como paisagem sensitiva e memorialística de explanação ficcional.

Mangas não podia saber, no período de gestão de *A Cidade das Livrarias Mortas*, desta peste que nos enclausura, mas dá-nos neste livro notícia de uma outra «espécie de peste bubónica das livrarias», também ela voraz e predadora, a desarmar-nos de perplexidade. Fala-nos deste estranho e inquieto universo das palavras e da «decadência de um mundo sem Pátria» ou seja, sem referentes linguísticos, sem memória, elementos identitários, sociais e históricos, que só os livros guardam. O Porto burguês, um povo que foi capaz de se erguer e «dizer não às injustiças e outras tiranias», está hoje, de modo suicidário, a destruir a última ameaça de liberdade que a protegerá da barbárie: as suas livrarias, os seus alfarrabistas, os jornais, as revistas, os poetas, os músicos, os actores – e os cafés, espaços míticos de sociabilização e tertúlia. As livrarias que morrem uma a uma num Porto que expulsa os seus residentes – os mais pobres, sempre os mais pobres –, para periferias sem chão referencial, em nome do turismo, essa vertigem transumântica do nosso tempo. No espaço das livrarias instalam-se restaurantes *vegan*, *snack's* indistintos, papel químico, em acrílico, dos que existem em todo o mundo, trapos de luxo das multinacionais (*made in China*), *recuerdos* para turistas distraídos.

A alma, essa aura que ressuma das cidades com história(s), de um Porto a descaracterizar-se na usura, nas ilusões sem lastro, a perder o seu “cheiro”, como os odores impressivos de *los olivos* que definiam a *Fuente Vaqueros* de Garcia Lorca, ou o cheiro das estevas e dos montados do Alentejo de Manuel da Fonseca, ou o Porto de João Chagas que «cheirava a feno». Alguns cheiros que persistem, que fazem a cidade e nos retêm para lhe sentirmos ainda o frágil coração antes de um AVC fatal.

Mas há, no meio desse caos aparente, sinais de resistência a este inquietante movimento de falaz realidade: há quem arrisque escrever poemas «com vísceras»; quem, de modo compulsivo, frequente alfarrabistas (em vias de morte desiludida e fruste), que nelas encontre o oxigénio necessário; quem leia os velhos livros de Pavese, *Trabalhar Cansa*, *O Ofício de Viver*; um sem-abrigo que aprende o significado de *hidrófobo* e *hidrófilo*, num dicionário resguardado dos humores atmosféricos por saco de plástico; outras palavras em desuso, ou pouco visitadas nestes dias sem leituras, *rágulo*, p.ex., ou trutas gigantes que trocadas por notas compravam sapatos, os primeiros que se teve na vida; as viagens a penates de Teófilo Braga e Antero, de Coimbra às matas do Buçaco; os gatos de Manuel António Pina; os cafés *O Piolho* (e a revista homónima), *O Central*, *O Ceuta*; as *Conferências do Inferno*, como as *Conferências do Casino*, da geração perdida de 70, ambas lutando contra as correntes do desvario civilizacional, ambas para agitar, para «o safanão de que a cidade carece».

As personagens singulares que percorrem as páginas desta cidade, o Porto dos afectos doridos de FDM: o “engenheiro” que carrega, como Pessoa, «um feixe imenso de heterónimos», que abjura «as barrigas de aluguer da nossa literatura», engenheiro que afinal não o é, figura enigmática que usa capacete para se proteger «dos excrementos das gaivotas», «zelador da cidade invisível»; o neto do camaroteiro do Teatro S. João (personagem em que o autor talvez habite), em busca dos escritos libertários de João Chagas; dona Etelvina que deixou a sua pensão de desvalidos e rumou «às terras de Vila do Conde», com Américo, viciado em livros, de bolsa leve; Boaventura, alegado matador de porcos, leitor de Aquilino, morto de morte matada por ser um perigoso leitor de interditos e amigo chegado de comunistas, uma baixa a acrescentar a outras no rol de leitores perdidos, ou transviados, numa cidade em que *la movida* chegou tarde mas a tomou pelos pulmões, numa espécie de ruído contínuo e desesperado que transfigurou em sobressalto as noites da urbe.

A noite a fazer-se dia, a desassossegar quem sempre teve por companhia o silêncio aceso das palavras, o seu íntimo rumor plasmado nos livros e agora tem de coexistir com a algazarra a vazar a noite, bares, taskas (com K que é mais fino), oficinas de tatuagens bárbaras. Turba ululante, a esgotar-se no desvario de noites insanas, que não irá saber que «o leitor vive mais tempo, vivendo o mesmo tempo».

A cidade tornada lugar inóspito, sem vozes amigas, lojas de quem sabemos o nome dos donos, o café da tagarelice matinal.

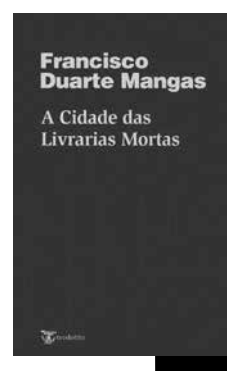
Escasseiam livrarias, os alfarrabistas são guardiães de tesouros à espera da reforma. Porto, cidade esquiva, que entre os dedos, as palavras?, se esboroa num código indecifrável de desperdícios, em busca de cais de acostagem em águas asanhadas.

A escrita do autor de *A Morte do Dali*, balança entre a realidade do desencanto e a ficção sem amarras, tem esse talento raro de urdir a essência das palavras, o estrito fio da rarefacção ficcional. Dai exacerbar as palavras terminadas com sufixo mente. A sua ficção não se parece com o real, colide com ele e transfigura-o, mas não mente. Há nos subterrâneos rumores deste belo livro de FDM, «a sede dos escritores desafortunados».

“Os Leitores Vivem o Tempo”, é um dos títulos de um dos capítulos de *A Cidade das Livrarias Mortas*; “A poesia tem de intervir no seu tempo” disse Inês Lourenço à revista *Gazeta Literária*, também ela com FDM ao comando. O tempo, esse enigma que nos vai devorando passo a passo, sobre o qual podemos intervir desnudando-o, tornando-o mais lídimo, humanizando-o. Mas precisamos das palavras, precisamos de poesia, música, referentes identitários. O ruído submete-nos, submerge-nos. Eis o que este livro, em sublimar intertextualidade, nos veio dizer, acrescentando que «a utopia sobreviverá à peste», a que ameaça tomar-nos o corpo e as liberdades e outra que lavra clandestina nas cidades sem livros, «a peste bubónica das livrarias».

Eis o Porto do escritor da serenidade e das transumâncias, o cronista lapidar de um tempo fugidio a perder-se na vazante dos nossos hodiernos labirintos.

Mais um grande livro de Francisco Duarte Mangas, o apuro de uma escrita cada vez mais sagaz e límpida, a agitar os ventos destes dias de cerco, sabendo que as «[...] Palavras verdadeiras, tendo vísceras e afetos, são as que trazemos nos bolsos.»



NOTA

A Cidade das Livrarias Mortas. Francisco Duarte Mangas
Edição Teodolito/2020.



Rui Baptista
Rui Baptista, historiador

Jacobeu e Cultura Portuguesa

- os quadros histórico, geográfico e económico. O homem e suas estruturas socio-mentais - 9

O ASPECTO MÉDICO

- UM LADO DA ICONOGRAFIA JACOBÉIA (parte 3)

Nas duas publicações anteriores nomeámos algumas das patologias pandémicas que, desde tempos bíblicos, sulcaram as sociedades desde a alta e da baixa idade média até à contemporaneidade. Os testemunhos de fontes secundárias como se constata (textos e publicações em vários suportes) são muitos. Relativamente às fontes primárias ou imediatas, fixamo-nos na iconografia românica do nosso percurso jacobeu um dos mais fidedignos e pungentes testemunhos dessa realidade histórica. Trata-se duma reflexão acerca do que o povo fazia sobre os males que o atormentavam, como os sublimava e como operava os meios de ajuda que impetrava às “divindades malévolas” que procurava criando deuses, semideuses e mártires que suportava.

As imagens rejeitam tudo que não é essencial à iconografia jacobéia memorial, mesmo na perspectiva dégradé ilimitada do granito de desconhecidos membros e de troncos constituídos por linhas firmes e nítidas, movendo-se delicadamente na sua rudeza para retratarem o que nunca se alcança. Animais/homens/esboços/penumbra no voo vão subitamente a saltar da pedra e olham-nos desafiadamente; uma figura vagarosa e desajeitada passeia-se por ali aos tropeções. Tudo parece, com as devidas cautelas, como se o “cientista” quisesse criar uma presença espiritual tão próxima quanto possível de uma presença real mas não uma presença simbólica. Trata-se de um efeito espantoso inquietante e mágico, terá sido invocado para lá de todos os objectivos do eterno, simplesmente pelo seu poder de transformar o irreal e imaginário numa imagem concreta.

Não se contenta o povo com impetrar por meio de orações, de preces mais ou menos longas e solenes dirigidas em actos públicos como em procissões rogativas, ofertas ou penitências, se não que tem por costume em muitos casos banhar as imagens dos santos em água ou pôr as ditas imagens em contacto com líquido objecto de prontidão. Se percorrermos os feitos históricos relativos a esta forma de provocar os fenómenos atmosféricos desde a antiguidade, época em que já tiveram lugar, encontramos a universalidade da



Vilar de Frades - arquivoltas portal ocidental (1)

cerimónia de imersão dos “sacra” seguida por todos os povos primitivos, apresenta-se como banho ou seja o mergulho completo dos “sacra”; como aspergir e como lavadouro. Exemplo clássico do banho ou imersão total é o de Palla Athenea que os Gregos faziam no século III a.d. J. C. ou o que o de Vénus faziam os Romanos pouco mais tarde, os que em diversos lugares de França sobrevivem cristianizados em muitos lugares. Esta imersão pode ser de cruzes processionais ou dos seus pés ou galhos novos; de relíquias e de imagens. Na Galiza e em Portugal não se encontra na tradição actual outra que não seja a imersão de imagens, falhando ao que cremos a de relíquias e de cruzes. O banho, a aspersão e o lavatório, asseguram que estas acções têm por objecto purificar, punir ou simplesmente ameaçar, sempre dentro do rito impetratório da “choiva”¹.

A iconografia historiada pode mostrar a concepção espontânea das divindades malévolas: a matéria em acção; as epidemias, as assuras e os agoiros, são como que os restos destas concepções na linguagem usual. Dos agoiros, das pedras, das plantas, dos animais, do fogo, do tempo, do dia e da noite e das estrelas. Dos agoiros da casa, das vestimentas, das comidas e bebidas. O agoiro das pessoas, do nascimento, dos namorados, das mulheres, das crianças. Os agoiros dos sonhos, dos mortos, das vozes, dos números e dos objectos de uso. Superstições derivadas de uma religião ctoniana, ou de prostituição sagrada: lameiros e bordas de rio. O penedo dos casamentos e o filho das ervas. O carácter ctoniano do culto de São Marcos e de Santa Ana. As fontes santas e as montanhas sagradas. As Thiasas e o Sabbath nocturno. - Superstições provenientes de um

culto fálico ou lunar: a figa, o canto do cuco, caracteres fálicos em São Gonçalo. O asno e as favas. As mandrágoras. Superstições sobreviventes de um politeísmo sideral ou solar, e o homem das sete dentaduras (Sol que declina); canto do galo, lobisomem (Sol que desponta), cavalo branco e cavaleiros fuscas. O tributo das donzelas. As entidades mágicas e malévolas: tanglomanje, provinco, tanso, trasgo, tartaranho, fradinho, estrugeitante, pesadelo, breca, couro, etc., etc.. olharapos, fadas, mãe-d'água, bruxa, anão, etc.. O pessoal mágico popular: os esconjuradores dos espíritos. As fórmulas

mágicas portuguesas, os curandeiros e a medicina popular. Braços e pernas oferecidos a santos. As ervas mágicas. A cura das hérnias, o cobro e o parto difícil. As fórmulas mágicas para talhar cobros, fogo louro. Semeadores da peste em Portugal. As pessoas de virtude: os reis e os padres. Orações contra o quebranto e para acompanhar os actos quotidianos. Os bentos e os benzilhões. Os adivinhões. As profecias nacionais e a vinda do rei D. Sebastião². Sobre a importância étnica e histórica das superstições populares e dos estados mentais e sociais em que estas se elaboram ou persistem, David Hume, o historiador do empirismo radical, comentado pelo positivista Thomas Buckle, acerca do carácter supersticioso dos povos peninsulares, diz tratar-se da coordenação histórica das superstições em cultos mágicos propiciatórios segundo o tipo acádico e cultos mágicos esconjuratórios, de tradição egípcia. É a persistência de um fundo tradicional de superstições da Caldeia transmitido à Grécia, a Roma, aos Árabes e às populações da Idade Média. Nova interpretação das fórmulas marcêlicas, continuadoras do historiador Tácito, tendo a região da Aquitânia como centro de irradiação das tradições ocidentais. As vinte e oito fórmulas do palácio de Nínive coincidem ainda com as superstições actuais, o caldaísmo no século XI e sua dissolução na feitiçaria e a importância da descoberta dos hieróglifos.

¹Bouza-Brey, Fermin -

“Ritos impetratórios da choiva em Galiza”, Porto, 1956, pp. 4.

²BRAGA, Teófilo - “O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições - Vol. II, Editora Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1994, p. 9.



António Aresta
professor e investigador

Macau na história das ideias

Ao longo da história de Macau, e numa perspectiva ocidental meramente sistémica, a Filosofia enquanto saber gerante de novos saberes e correlativas perplexidades, acompanhou a vida das instituições e dos sujeitos individuais. Através de Macau, o Oriente e o Ocidente cruzaram saberes, sabores e misturaram sangues e afectos. A divulgação e o estudo das filosofias orientais, a chinesa em particular, foi feita de um modo irregular e descontinuo, mercê de circunstâncias várias. É por isso útil a consulta do monumental *“Boletim Bibliográfico: 450 anos de Relações Luso-Chinesas”*, 1999. Em Portugal estas miudezas historiográficas passaram completamente despercebidas.

Poderemos, muito rapidamente, distinguir três instituições escolares onde a filosofia foi ensinada nos planos de estudos.

A primeira, o Colégio de S. Paulo, desde 1597, justamente considerado como a primeira universidade de raiz ocidental no extremo oriente, onde sob a orientação dos jesuítas se estudou lógica, artes, gramática, teologia dogmática, moral e retórica, para além das línguas orientais.

A segunda, o Real Seminário de S. José, fundado em 1728, onde a filosofia, a lógica e a retórica ocuparam um lugar primacial. Francisco Xavier Rondina publica uma obra original [*“Compêndio de Philosophia Theorica e Pratica para uso da mocidade portuguesa na China”*, Typographia do Seminário de S. José, 1869-1870, 2 vols.], que conheceu uma larga difusão.

A terceira, o Liceu de Macau, fundado em 1893, sendo Camilo Pessanha o seu primeiro professor de filosofia. O programa para o “Ensino da Philosophia Elementar” abrangia a psicologia, a lógica, a moral e a metafísica. O manual escolar adoptado nesses tempos fundadores era o *“Compêndio de Philosophia Racional”*, de P.A. Monteiro.

Na actualidade, a Escola Portuguesa de Macau assegura o ensino da filosofia nos 10.º e 11.º anos, segundo a matriz portuguesa para o ensino secundário e sem esquecer a valência da filosofia para as crianças. Mas, as preocupações de natureza filosófica estiveram presentes em alguns momentos da vida cultural e intelectual de Macau,

e como é tradição, fora das instituições escolares ou académicas.

No âmbito de uma filosofia ética e moral devem ser salientadas as contribuições de José Miranda e Lima [*“Máximas Morais e Civis”*, 1832], de Leôncio Alfredo Ferreira [*“Meditações”*, 1880] ou Francisco Xavier Rondina [*“A Educação”*, 1887]. Na epistemologia e na medicina é incontornável o nome do portuense José Gomes da Silva [*“Epidemia da Peste Bubónica em Macau”*, 1895]. Júlio Augusto Massa relançou o neotomismo [*“Relações do Homem com a Sociedade. Fundamentos Metafísicos”*, 1956].

Uma ruidosa polémica filosófico-teológica e científica sobre o darwinismo agitou Macau e Hong Kong e teve como protagonistas António Vasconcelos [*“Sermão pregado na Sé Catedral de Macau na primeira domingo de Quaresma, em 6 de Março de 1881, no qual se refutam alguns pontos do sistema darwiniano com referência ao homem e à religião católica”*, 1881], Policarpo Costa [*“Análise do Sermão pregado pelo Reverendíssimo Senhor António Maria Augusto de Vasconcelos, bacharel formado em teologia pela Universidade de Coimbra, na Sé Catedral de Macau em 6 de Março de 1881”*, Hong Kong, 1881] e Lourenço Pereira Marques [*“A Validade do Darwinismo”*, Hong Kong, 1882; *“Defesa do Darwinismo: refutações de um artigo do ‘Catholic Register’”*, Hong Kong, 1889]. Esta polémica teve o condão de mostrar a enorme actualização bibliográfica por parte de Lourenço Pereira Marques, erudito médico cirurgião formado no Reino Unido. Outro movimento de ideias que gerou pública controvérsia foi encabeçado por Francisco Xavier Rondina [*“A divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo reivindicada contra Ernesto Renan”*, 1864].

A versão portuguesa dos clássicos do pensamento chinês deve ser creditada a poucos intelectuais, os nossos verdadeiros sinólogos: Pedro Nolasco da Silva [*“Amplificação do Santo Decreto”* do Imperador Yongzheng, em 1903]; Luís Gonzaga Gomes [*“A Piedade Filial”*, 1944; *“As Quatro Obras: Discursos e Diálogos, Suprema Educação, Meio Constante”*, 1945; *“O Livro da Via e da Virtude”* de Lao Tse”, 1952]; Joaquim Guerra [*“Li-*

vro dos Cantares”, 1979; *“Escrituras Selectas”*, 1980; *“Quadras de Lu e Relação Auxiliar”*, 1981\83, 5 volumes; *“Quadrivolume”* de Confúcio, 1984; *“As Obras”* de Mêncio, 1984; *“O Livro das Mutações”*, 1984; *“O Cerimonial”*, 1986; *“A Prática da Perfeição”* de Lao Tse, 1987]; Daniel Carlier [*“Ditos de Confúcio”*, 2008]; António Graça de Abreu [*“Tao Te Ching”* de Lao Zi, 2014]. Esta abertura ao mundo mental chinês é um trabalho moroso e difícil pelo que é estranho não dispor de apoios sistemáticos e institucionais. Os estudos sobre a filosofia chinesa são pouco abundantes, podendo contudo indicar-se os seguintes autores: Manuel da Silva Mendes [*“Lao Tze e a sua doutrina segundo o Tao-Te-King”*, 1909; *“Excerptos de Filosofia Taoísta”*, 1930]; o autor destas linhas e Rogério Beltrão Coelho reeditaram a Obra Completa de Manuel da Silva Mendes [*“Manuel da Silva Mendes: Memória e Pensamento”*, 2017-2018, 3 volumes, 1600 páginas]; José da Costa Nunes [*“Cartas da China”*, 1909]; J. Morais Palha [*“Esboço Crítico da Civilização Chinesa”*, 1912]; Jaime do Inso [*“China”*, 1938]; Ana Cristina Alves [*“Uma Viagem de muitos Quilómetros Começa por um Passo”*, 2004; *“A Sabedoria Chinesa”*, 2005; *“A Mulher na China”*, 2007]; António Aresta [*“O neoconfucionismo na educação portuguesa”*, 1996; *“A presença de Confúcio na cultura portuguesa”*, 2019]. De referir o invulgar ensaio de Alexandre Carriço [*“De cima da grande muralha: política e estratégia de defesa territorial da República Popular da China, 1949-2010”*, 2006], doravante uma referência para o pensamento estratégico e militar.

O estado da arte pode ser visto no Catálogo *“Portugal-China: 500 anos”*, co-editado pela Biblioteca Nacional e Babel, em 2014, onde ao longo de mais de três centenas de páginas se nota que os estudos literários, linguísticos, históricos, pedagógicos, lexicográficos, religiosos, antropológicos ou artísticos ocupam a quase totalidade do universo da investigação e da edição. Os estudos filosóficos, esses estão residualmente presentes e representados, evidenciando também em Macau a sua vocação minoritária.



André Verissimo
prof. universitário

Os sonhos e o espírito

CAPÍTULO 37:

Lucien Sfez: sob o signo da Comunicação

1. Tudo comunica. O universal, o global, o colectivo, o societário, o comunitário, o familiar e o singular. E a comunicação implica a acção. O que se entende geralmente por comunicar? Recebo uma comunicação oral. Passo uma ideia, uma palavra. Estabeleço, extingo ou perturbo comunicações. Consegui ou não consegui comunicar as minhas impressões, ideias ou sentimentos ao meu parceiro, ao meu vizinho, ao público. Assim, vejo e escuto, apreendo a música contemporânea que me agita ou aborrece, admiro a natureza, este mar que vejo azul, este silêncio que inunda os céus e a mente. O que é a comunicação, o que podemos pensar sobre os processos transaccionais de informação? O que sou?

"Posso ainda" diz Lucien Sfez (LS) "em certos casos, comunicar com Deus ou qualquer princípio supraterebre, e chegar ao êxtase comunicando com o absoluto. Pelo menos, penso que tudo isto possa acontecer... o amor promete estas comunicações fusionais, assim como as fortes pulsões de ambição ou de poder. Uma manifestação pública pode pôr-me em estado de comunicação emotiva: um *meeting*, o discurso de um *leader* faz-me vibrar com milhares de outros indivíduos. Em resumo, vivo no meio de comunicações múltiplas que distingo umas das outras de maneira implícita. Porque eu sei, sem que haja necessidade de me explicarem de cada vez, que a comunicação científica de um dos meus colegas para este colóquio recente não é do mesmo teor da que recebi ou me foi transmitida pelo meu receptor de chamadas, e não possui a mesma intensidade da que mantenho com um amigo. Um mundo separa-as e contudo reúne-as sob o termo genérico de comunicação. (...) Verificamos que nenhuma destas definições coincide, que cada uma se refere a um universo diferente. Contudo, um largo consenso envolve este termo, e a evidência da sua presença só é igualada pela multiplicidade dos sentidos que abrange. (...) Comunicar significa colocar ou ter alguma coisa em comum, sem questionar essa qualquer coisa ou as vias que servem para a transmissão, ou outros termos (indivíduo, grupos, objectos) que disputam a partilha". (SFEZ, L., 1993: 147.)¹

"A comunicação como objecto de ciência é" segundo LS "tornada visível por dois movimentos que operam no seio do ensino e da pesquisa, um centrífugo (que tenta abrir-se ao exterior), o outro centrípeto (que busca a condução para uma ciência particular, o que pertence aos outros), a comunicação, objecto relativamente novo, vem complicar o jogo. Trata-se com efeito de uma ciência constituída em disciplina autónoma: que não tem história nem epistemologia. Tudo é possível, os acessos estão já abertos, a ciência deste novo objecto é ainda virtual.

Com numerosas discussões, diferentes opções se partilham num terreno que parece, por este momento muito vago porque eles [os teóricos] não querem reconhecer a fragilidade e a inconsistência da comunicação e ambicionam fazer desta massa uma verdadeira ciência, os comunicólogos buscam um núcleo, um *focus* que serviria simultaneamente de princípio organizador e de sigla inscritora. Desta forma a comunicação inscrever-se-ia na informática, na psicologia, na ciência cognitiva, etc." [SFEZ, L., 2001/2: 341-349]²

Não existe uma definição concreta que tenha sido aceite como definição explícita da comunicação, havendo outrossim uma cada vez melhor decisão lógica de informação. (Cfr. ILHARCO, F., 2003)³

2. Ora para a informação veiculada os *mass-media* são vitais. Ligado ao mundo da boa informação está a má informação. Segundo Guy Debord, um dos gurus da informação-espectáculo a má moeda da informação que denomina como Máfia

"desenvolve-se por todo o lado e ainda melhor no terreno da sociedade moderna. Está em crescimento tão rápido como os outros produtos do trabalho pelo qual a sociedade do espectacular, integrado, talha o seu mundo. A Máfia cresce com os imensos progressos dos computadores e da alimentação industrial, da completa reconstrução urbana e dos bairros-da-lata, dos serviços especiais e do analfabetismo. A Máfia não era mais que um arcaísmo transplantado, quando no princípio do século começou a manifestar-se nos Estados Unidos, com a imigração de trabalhadores sicilianos; na mesma altura em que apareciam na costa oeste as guerras de *gangs* entre as sociedades secretas chinesas. (...) Parecia condenada a desaparecer por todo o lado perante o Estado moderno. (...) Em seguida encontrou um campo novo no novo obscurantismo da sociedade do espectacular difuso, depois integrado: com a vitória total do segredo, a demissão geral dos cidadãos, a perda completa da lógica, os progressos da corrupção e da cobardia universais, todas as condições favoráveis foram reunidas para que ela chegasse a ser uma potência moderna e ofensiva" (DEBORD, G., *A sociedade do espectáculo*),⁴ (e, cfr. com outros textos).

3. Depois a questão antiga da comunicação entre o que é difícil de tornar humano, sobre o limite do inumano e as suas aparições filosóficas trágicas de F. Nietzsche a M. Heidegger, de C. Schmitt a P. Feyerabend, de A. Schopenhauer a N. Kazantzakis. O humano frui e não usa; esta distinção é essencial: "Fruir é ligar-se a alguma coisa por amor de si mesmo, mas ao contrário, usar, é referir aquilo que se usa, aquilo que tu amas no sentido de o obteres, caso seja digno de ser amado". (Cfr. com Agostinho de Hipona).⁵

Basicamente o que temos aqui é a presença do humanismo. *A Carta sobre o Humanismo*, de Martin Heidegger não teve, ainda até hoje, uma compreensão absoluta da sua verdadeira intenção, por dois motivos: 1) pelo contexto político totalitário e anti-humanista em que esta obra foi escrita (Ler em especial VERÍSSIMO, A., *Ética Judaica I*).⁶ 2) pelo carácter crítico do próprio pensamento de Heidegger face à compreensão que comumente se dá de humanismo e, pelo carácter negativo que este lhe subcreve. Actualmente a célebre e famosa frase de Sartre "o existencialismo é um humanismo" parece muito mais próxima da nossa longa tradição, do que a de Heidegger. Por esta razão, questionamo-nos com a doutora Maria Manuela Martins se é verdade ou não que a concepção heideggeriana de humanismo é uma experiência para compreender a autêntica *humanitas*, no sentido da nossa longa tradição!

¹ SFEZ, Lucien, *La Politique Symbolique*, PUF, Quadrige, Paris, 1993, p. 147.

² SFEZ, Lucien, "Interdisciplinarité et Communication" in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 2001/2, (n. III), p. 341-349 [Trad. Nossa].

³ ILHARCO, Fernando, *Filosofia da Informação*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

⁴ DEBORD, Guy, *A sociedade do espectáculo* [La Société du Spectacle, 1967, Buchet-Chastel].

⁵ AUGUSTINE, *De Doctrina Christiana*, LXXXIX.4393, *Corpus Christianorum. Series Latina*, 32, Patrologiae. Cursus Completus, Series Latina 34. The English translation *On Christian Teaching* by R. P. H. Green (Oxford: Oxford University, 2008).

⁶ VERÍSSIMO, André, *A Ética Judaica I. Hermenêutica Elemental*, 1ª reimpressão, 2018, Guimarães: Magen David Enterprises, p. 101 et ss.



www.cm-matosinhos.pt

CONVIDADOS CONFIRMADOS

13 DE MAIO

- 17.00 Isabel Allende SESSÃO EM ESPANHOL
- 18.00 Matilde Campilho
- 19.00 Raphael Montes
- 22.00 Ondjaki

14 DE MAIO

- 17.00 Rosa Montero SESSÃO EM ESPANHOL
- 18.00 Pedro Marques Lopes
- 19.00 Javier Cercas SESSÃO EM ESPANHOL
- 22.00 Ana Luísa Amaral

15 DE MAIO

- 17.00 José Luís Peixoto
- 18.00 Pedro Abrunhosa
- 19.00 Lília Schwarcz
- 22.00 David Machado

16 DE MAIO

- 17.00 Alexandre Quintanilha
- 18.00 Carmen Posadas SESSÃO EM ESPANHOL
- 19.00 Joana Amaral Dias
- 21.00 Gonçalo M. Tavares
- 22.00 Juan Gabriel Vásquez SESSÃO EM ESPANHOL

17 DE MAIO

- 17.00 Maria do Rosário Pedreira
- 18.00 Joana Bértholo
- 19.00 Clara Ferreira Alves
- 21.00 Héctor Abad Faciolince SESSÃO EM ESPANHOL
- 22.00 José Eduardo Agualusa

MODERAÇÃO

Filipa Melo, Hélder Gomes, Manuella Bezerra de Melo,
Nelson Nunes, Pedro Vieira, Tito Couto

Lev

literatura em viagem

Mais importante que o destino
é a viagem
Eduardo Lourenço



Assista em direto,
em *streaming*,
na página de Facebook
da Câmara Municipal de
Matosinhos

facebook.com/CamaraMunicipalMatosinhos/

ORGANIZAÇÃO



PRODUÇÃO EXECUTIVA





Antônio José Borges
professor e escritor

A demanda

ao meu bom Teixeira, na nossa eternidade

Naquela tarde manifestou-lhe o seu interesse pela fotografia, pelo que ela recorta no campo do visível. Gostava de fixar momentos num tempo irrepitível. Vivia e sentia o movimento de aproximação ao objeto, ao animal, como se fosse o único fito da sua vida. Afinal, só o momento tinha importância para ele - uma qualquer sensação bressoniana do instante e da eternidade. A eternização do momento. A captação dos fenómenos da intensidade e da espontaneidade.

Dizia que o que fotografa é sempre uma escolha; que a fotografia é sempre uma ficção, porque há um enquadramento do que veremos ver no espaço em que se insere. Também já pensava em usar tecnologias digitais para apagar informações das imagens, transformando-as numa coreografia incompleta de gestos e situações. Uma forma de lidar com a ausência. Mas, para todos os efeitos, motivava-o só e agora a natureza da condição de ser espectador: o esperar, imaginar e antever. Sempre num quadro do real.

Todos os dias delineava um plano de trabalho minucioso, esquecendo que fora de portas o clima prega partidas aos mais incautos: podia chover, podia escurecer, podia o astro solar brilhar mais do que ele estaria à espera, perturbando o ambiente em que o seu trabalho se desenrolava. Mas esta preocupação não só não o demovia dos seus intentos, como nem sequer tal cenário lhe percorria o campo do pensamento.

Sabendo deste seu interesse quase obsessivo, ela limitava-se a acompanhar, sempre que possível com dedicação e até admiração, o seu trabalho. Ele, ausente dela e de todos, estava presente em si e no que o rodeava. Um simples gato era inspirador de uma fotografia. Mas um simples gato talvez não seja assim tão simples. As suas rugas invisíveis muito nos poderiam contar sobre o seu percurso de vida, pensava ele. E ali ficava parado, com os olhos no firmamento, pensando na sua demanda.

Uma noite, após um jantar que roçou o romantismo, ele manifestou-lhe a sua inquietude; disse-lhe que precisava de ficar só durante algum tempo, que não se sentia realizado com o que faz, que sentia aproximar-se o momento certo para tirar a fotografia da sua vida, mas que com ela por perto a sua concentração dispersava-se. Pediu-lhe

paciência. Disse-lhe que no futuro a compensaria pela falta de atenção que ela tem sentido da sua parte; disse-lhe que a amava e que depois desta fase a amaria, acreditava, ainda mais.

- Preciso de tranquilidade para fazer algo intranquilo, mas que só o pode ser - disse-lhe. Ele queria agarrar a fugacidade de um momento.

Ela anuiu, arrumou algumas coisas dentro de uma pequena mala, despediu-se apaixonadamente e saiu.

- Saio já para não passar muito tempo sem ti - afirmou ela. Quanto mais cedo for, mais cedo voltarei, não é?

- Sim, minha querida.

- Até já, meu querido.

A partir desse dia ele concentrou-se em cada sopro de vento, em cada raio de luz, em cada movimento involuntário das naturezas mortas, em cada gesto, surpreendente ou não, dos animais. As pessoas não o interessavam. Dizia que estão poluídas, que só os animais e as outras coisas lhe poderiam dar o momento desejado. Percorreu espaços inúteis para muitos, onde se poderia esconder o seu «santo Graal», o seu cálice artístico, conviveu com a natureza, porque é possível conviver e dialogar com ela, aliás, é necessário e determinante para o nosso entendimento do mundo e perfeita inclusão nele; enfim, procurou e não encontrou. Mas fotografou. Fotografou campos de sementeiras, imaginando vales, concebendo estepes, engendrando savanas, arquitetando florestas tropicais, congeminando um deserto, simplesmente imaginando. Fotografou animais, afigurando os seus pensamentos, julgando-os percebedores do que ele queria; chegou a monologar com um passarinho. Não, não duvidou da sua saúde mental. Nem alguém o poderia, ou pode, julgar demente. Os animais sabem e percebem mais do que julgamos. Além do mais, ele acredita na natureza. Para ele, tudo faz sentido nela.

No final de cada dia, quando entrava no seu estúdio, num oitavo andar sem obstáculos defronte, dedicava-se a uma análise minuciosa de cada uma das fotos, quase radiografando-as, em jeito de observação do quadro de um pintor de nomeada do século de ouro holandês, o XVII, como Rembrandt, o pintor de história; de um artista do Renasci-

Voando sobre uma só alma



mento, como Leonardo da Vinci, o primeiro homem moderno; de um pintor do Im-



Ilustração de Ricardo Josué

pressionismo, que no final era mais expressionista (cuja escola fundou), como Vincent

van Gogh. Enfim, desconstruía cada fotografia como um puzzle a construir.

Houve um dia que choveu muito e ele sentiu falta da singular companhia dela. Pensou ligar-lhe, mas achou que não seria justo que um contratempo na sua demanda o levasse a aproveitar-se dela. Ainda assim, ligou-lhe, mas não para a convidar a vir até sua casa. Falaram pouco. Só o necessário. Só para a cumprimentar e perguntar-lhe se estava bem. Como se não soubesse já a resposta que ela lhe iria dar: um não camuflado de sim. Bem camuflado. Mas também ela sabia que ele sabe o que ela sente. São por vezes curiosas as relações humanas: o esforço que fazemos para não magoar alguém que nos está a magoar; as conversas e respostas que as pessoas dão quando ambos sabem que as respostas às perguntas que fizeram não são as que foram dadas, as que serão dadas - elas são por vezes inertes: nada do que possamos fazer pode mudar certas respostas a certas perguntas. É o ser humano no seu estado curioso.

Portanto, nesse dia chuvoso, nesse dia útil, pelo menos tão útil quanto um dia seco, ele observou demoradamente o mundo fora de portas, paredes e vidraças, e aproveitou para se concentrar um pouco também no rumo que a sua relação com ela estava a tomar. "Será o meu trabalho - este, extraordinário - realmente o motivo da separação?", questionou-se, disse de si para si. Felizmente para ele, para ambos e para estas páginas em desenvolvimento, depois de uma aturada reflexão, de um exame pormenorizado do filme actual da sua vida, concluiu que sim, que era realmente aquele o motivo. E sentiu-se bem, aliviado.

Nessa noite ajustou contas com o sono, pois nos últimos tempos dormira pouco e mal. À luz da candeia leu um pouco antes de adormecer: uma história leve, que o transportou para um outro mundo e lhe afastou da mente os problemas do quotidiano. Só um boa leitura tem este efeito.

Já no dia seguinte, enquanto passeava pelo parque da cidade, sob um sol abrasador, com a companhia de crianças alegres (sim, porque há as que, sem terem culpa, não são alegres, e há até as que passam fome) e de desportistas ocasionais, cansado, estacou ao pé de uma árvore ali plantada propositalmente para assistir ao seu cansaço. Sentou-se junto a ela, esticou as pernas e apeteceu-lhe dialogar com a árvore, pedir-lhe que lhe contasse a sua história, ou então que o deixasse cortar um ramo (e de imediato se arrependeu de ter tido semelhante pensamento!) e contar os seus anéis para saber a sua idade. Sentiu vontade, tão-só, de lhe perguntar, à árvore, se já assistiu a mais momentos trágicos ou de felicidade.

Subitamente, o céu mudou ligeiramente de cor, perdeu um pouco de azul e ganhou um pouco de vermelho, mantendo ambas as cores bem definidas. Ele sentiu um rebuliço na margem do rio, onde as crianças que lá se encontravam brincavam impávidas e serenas, alguns cães acompanhavam-nas, certos peixes saltavam para fora da água, inserindo-se noutro meio - embora momentaneamente -, algumas pombas surgiram no quadro que se delineava, e, finalmente, um casal de namorados com os corpos estendidos na relva, abraçados, pareciam brincar e namorar no mítico Jardim do Éden (actualmente, um aglomerado urbano). Eis o momento que ele esperava. Num impulso, num ápice, munuiu-se da sua máquina, mexeu-se um pouco para a esquerda, rastejando, assemelhando-se a um caçador, a um observador de gorilas nas montanhas, ou a um turista na savana africana, e tirou a sua foto e mais outra e mais outra. Tirou repetidas fotos até acabar o espaço no rolo, depois no cartão, até o momento se esvanecer. Depois, só depois, pensou e reflectiu: era, foi, é e será, porque o registei, aquele o momento por que tanto ansiei.

Aquela conjugação de factores tornou único aquele momento. Ele extasiou e sentiu plenitude artística e espiritual, paz e tranquilidade - quadro este que se assemelha ao de Siddhartha, antes de se tornar Buda, sentado debaixo e junto de uma árvore, quando atingiu a plenitude da consciência e fundou uma filosofia que se viria a tornar uma religião, pela adoração de uma estátua ou escultura, como a maior do mundo, na China, junto a um penedo; isto, claro, em planos e circunstâncias diferentes, conquanto com o mesmo fito: o de uma demanda; no caso dele, do momento perfeito, no caso de Siddhartha, da consciência do mundo e da vida.

Antes de ele lhe ligar para retomar a ligação física entre ambos, ela, pressentindo esse passo, já estava em casa dele. Quando ele lhe ligou deu finalmente conta que a sua demanda era eterna. A demanda da arte e do amor. Não a imaginava tão rápida a compreendê-lo e isso alegrou-o. Percebeu que agora estavam prontos para ficarem juntos. Quando este subiu o último lance de escadas e meteu a chave na fechadura da porta, não chegou sequer a rodá-la, pois a sua namorada, como se resfolegasse da corrida, esperava-o para o envolver nos seus braços. Como prometera à saída, voltou depressa. Ele, realizado, sentiu amá-la ainda mais, como lhe prometera.

A espera foi virtuosa e a persistência venceu, pois se às vezes pode ser, também pode ser sempre.

15 de julho de 2005
e 15 anos depois,
15 de fevereiro de 2020



Margarida Negrais
professora e escritora

Um assalto

Estrada e pinhal confundiam-se num só mar de névoa cinzento, quase impenetrável aos faróis do carro que avançava, hesitante. De vez em quando, um raro veículo rompia, em sentido contrário, aquele véu de tule líquido.

Foi por isso que, sendo a progressão tão difícil e lenta, o condutor do veículo ouviu uma voz feminina, autoritária, peremptória, que vinha do assento traseiro e que mandava virar de imediato à esquerda, para uma saída secundária, que não anunciava sequer tabuleta informativa indicativa de algum destino. Andaram alguns metros e a mulher que falava ia perscrutando, com olhos ávidos, o escuro quase insondável, pois este adensava-se mais e mais na ausência de postes de iluminação pública. Porém, de um momento para o outro, divisaram, à direita da faixa de rodagem, uma moradia solitária mas não abandonada, pois, numa das janelas, bruxuleava uma luz fria, de reflexos coloridos, sinal óbvio de que alguém, naquele compartimento, via televisão.

- Olha que feitosa! Olhem que feitosinha! - exclamou, entusiasmada, a mais velha das mulheres, a que dava ordens.

Eram três as mulheres que ocupavam o assento traseiro, vestidas de negro, de saias compridas, de cabelos igualmente negros presos em puxos na nuca, que os lenços de cabeça igualmente negros e amarrados debaixo dos queixos deixavam perceber.

Saíram do veículo cujas portas rangeram ao serem abertas, e a mais velha ordenou mais uma vez:

- Vocês dois, rapazes, fiquem aqui, abram bem esses olhos para verem os andamentos! Vejam lá, abram-me bem esses calizes!

E, de imediato, esgueiraram-se pelo portão pequeno do jardim murado da moradia, engolidas instantaneamente pela escuridão e pelo nevoeiro.

Mas a coisa correu mal!

Acabaram ali a noite aventureira e foram presentes a uma juíza que inquiriu os cinco fulanos.

- Então, Dona Olímpia, conte-me lá o que aconteceu... - pediu com voz doce e tranquila a exausta jovem juíza que se preparava já para ir para casa, percorrer os longos e solitários quilómetros que a separavam do lar, quando este quinteto lhe apareceu.

- Ó Senhora Juíza, não foi nada de mal...

- Não foi nada de mal? Então vocês entraram num domicílio que não pertencia a nenhum



FOTO: DR

de vocês sem para tal serem convidados e não foi nada de mal?

- Saiba, Senhora Juíza, que a casa era tão jeitosa! E foi tão fácil!

- Fácil? - perguntou, a ficar perplexa, quase exasperada já, a tranquila juíza diante de tamanha desfaçatez e à vontade.

- Pois... A porta de entrada só estava encostada... Nós as três entrámos, os velhotes estavam entretidos a ver a televisão muito alto, nós não incomodámos. Nós não fazemos mal a ninguém, nós não somos violentas... Somos todos gente de paz, não somos rapazes?

- Hummm... E então o que fizeram depois? - questionou a juíza.

- Bem... Depois, cada uma de nós as três foi cada qual a um quarto da casa e despejou as gavetas de ouro e de dinheiro para os nossos sacos... Depois abalámos. Os velhotes, coitadinhos, continuavam a ver televisão, nem deram por nada... É que estava tanto barulho! E era tanta a confusão! Aquela Filomena Cautela, Senhora Juíza, é muito maluca e fala tão depressa que eles tinham de tomar muita atenção para perceber o que se estava a passar no programa! Ele são tombos, ele são «pozes», ele são mistelas em cima dos concorrentes...

- Sim, sim... Não são precisos tantos pormenores... E então as senhoras? - perguntou a juíza dirigindo-se às outras duas mulheres mais jovens, embiocadas nos seus lenços negros.

- Ó Senhora Juíza, foi tal e qual como a Olímpia disse. É que nós não somos violentas, não fazemos mal a ninguém. Somos gente de paz.

- Pois, mas descobriu-se o que tinha acontecido e vocês foram identificados, o

carro apreendido e todo o material roubado estava lá...

- Pois, o azar foi o filho dos velhotes ter vindo depressa de mais da farmácia, eu bem o vi com um saco de plástico de remédios na mão e não nos apanhou mas viu-nos - disse uma das moças mais novas.

- Eu bem disse ao António: - Dá de frosques, dá de frosques rápido, rápido, mas já não foi a tempo... E tinha sido tudo tão fácil, tão limpinho! Tinha corrido tudo tão bem!

- Senhora Olímpia, vocês apropriaram-se de coisas de valor que não eram vossas, vocês roubaram!

- Ó Senhora Juíza, pois se essa é a nossa vida! Mas não fazemos mal a ninguém, acredite!

- Ó Senhora Olímpia, já estive catorze anos na prisão, isso não lhe ensinou nada?

- Ai a vida, ai a vida! Aprendi mas foi mais umas coisinhas... É mais forte do que nós! Mas olhe que somos gente de paz, não fazemos mal a ninguém!

- Então, nesse caso, diga-me para que queriam o pé de cabra, a faca e a pistola que a GNR encontrou no vosso carro...

- Ó Senhora Juíza, disso estamos inocentes! Já deviam lá estar!

- Ah! Então além de assaltarem a casa ainda estão a confessar que roubaram o carro...

- Pois... então como é que havíamos de ir de Guimarães para Braga? Olhe que ainda é longe! E com aquele tempo que estava... Pena foi o carro ser tão fraco...

- O quê? Ainda por cima tem o desplante de me dizer isso? Ora, ora! E os senhores, então os senhores que papel é que desempenharam nisto tudo?

- Ai, eu não fiz nada! O carro era muito velho, estava a cair de podre, nem direcção assistida tinha, era tão difícil de manobrar...
- Ah! Então o senhor era o condutor?
- Era, sim, Senhora Juíza, era mesmo.
- Muito bem. Senhor António, conte-me lá como é que tudo aconteceu...

- Mas eu não sei... Eu só conduzi e como estava mal, precisava urgentemente de me aliviar, não vi nada! Este aqui é que ficou de olho e deve saber como é que tudo aconteceu.

- Ó Senhora Juíza, tenho a dizer-lhe que foi mesmo uma azarina! O carro teimava em não pegar, nós a sairmos, a «brecage» não dava, o António teve que manobrar, manobrar, e o homem a chegar à casa dos velhotes com os remédios. Teve tempo de ver tudo: virou para nós os faróis do carro dele, que não era velho, viu quantos éramos, tirou a matrícula, coscuvilhou quanto quis!

- Pois, e quando entrou em casa, percebeu que vocês tinham assaltado os pais! E foi a tempo de comunicar à GNR que vos apanhou com o fruto do furto no carro furtado! Não há como negarem!

Em coro, todos excepto o António, exclamaram, convictos:

- Pois não, Senhora Juíza, pois não, mas olhe, acredite, que somos gente de bem, não fazemos mal a ninguém, somos gente de paz!

- Então, disse a juíza, vocês vão recolher aos calabouços e amanhã terminaremos este assunto. O Senhor António, como diz que não viu nada, que não sabe de nada e eu não posso provar o que fez, pode ir embora.

Os outros quatro olharam uns para os outros, os olhos deles largavam chispas que iam incendiar o António, que foi saindo de fininho...

Já a juíza dava por findo aquele dia de trabalho e dado o adiantado da hora por causa daquela diligência olhava impaciente para o relógio, quando ouviu bater ao de leve na porta do gabinete. Era um guarda da GNR que a queria ouvir sobre algo insólito: é que o Senhor António não queria ir embora! Dizia que realmente nada fizera a não ser conduzir, mas como não tinha transporte, estava esfomeado e tinha que ficar ao relento, preferia que o prendessem. Sempre ficava agasalhado, talvez alguma alma boa da GNR lhe desse uma bucha e de manhã ia embora porque não queria encontrar-se com os presos. É que as questões de honra eram para eles muito importantes! Ele realmente nada vira, estava a aliviar-se mas desconfiava do que os outros tinham feito...

E a juíza, diante daquele friorento e esfomeado impostor, mas como não fora feita prova de que ele fizera algo de mal, nem sequer os colegas o tinham acusado, lá o deixou ir dormir na esquadra.

Meandros que a Justiça tece!



Luís Bento
cronista e blogger

Olhares

Pelo lado de dentro

Procuro seguir a vida pelo lado de dentro fazendo as curvas com cuidado. O desejo tem sempre muita pressa e eu gosto de abrandar, de ver pelo avesso, de contar pelos dedos as vezes que o passado nos marcou a vontade ou a falta dela, a perda, o desleixo. Fui-te remendo, pedaço, cola, nota de rodapé, derivação regressiva do verbo amar... E isso já não me basta. Incomoda-me não ser eterno, não ter certezas, não

conhecer Marte, não acabar a nossa história com um substantivo concreto. No movimento entre o barco e o cais, não somos nós que partimos, é o mar que chega. Dispo, então, o meu melhor poema que foste tu a sorrir a meu lado com cheiro de manhã. O silêncio é a nossa deixa para seguir viagem. Do corpo não se guarda nada, apenas a memória que sobra do momento em que o suor foi magia.

FOTO: DR



A Árvore

Quando deu por si era o último vestígio de uma noite longa...

Não sabia o que seria o seu futuro, talvez cicatrizes do acidente de ontem, resto zero de uma equação indefinida, ele que nunca tinha tido jeito para as matemáticas. Não sabia como curar a ausência agora que o endereço da voz dela mudara de corpo. Desde aí adormecera por fora, o calendário passara a ter só noites e o seu espírito fechara-se,

permanecendo incógnito, impermeável, livre de devassas. Só o amor podia subverter o desequilíbrio do seu quotidiano quando todos se tinham esquecido de resistir. Ele tinha muitos sonhos, estudou para engenheiro, ela para enfermeira e eles acabaram o namoro, ele detestava o cheiro a éter. Perdeu-a quando foi comprar umas asas.

Só não tinha medo do precipício quem tinha aprendido a voar.



A. Campos Matos
arquitecto e queirosoanista

«O Sono da Razão»

Trabalhos acerca de António Sérgio, neste ano [2019] de cinquentenário da sua morte, levaram-me casualmente à constatação estranha de que não havia ainda lido o livrinho de Carlos Leone, de 1978, *O Essencial Sobre António Sérgio*, cuja leitura fiz desde logo. A primeira parte consiste no levantamento assaz completo de extractos de importantes comentadores do ensaísta. No final, com incontido pasmo deparo com estas conclusões: (...) «O legado de António Sérgio vive sob o estigma intelectual do carácter de *mito da razão* que Eduardo Lourenço lhe atribuiu». E, pouco depois: (...) «A diminuição do estatuto intelectual e simbólico que a imputação de uma natureza mítica causou ao racionalismo de Sérgio foi imediata, profunda e duradoura.» E, para concluir, na página seguinte: (...) «O esquecimento de António Sérgio é devido ao fim do seu mundo político, feito pela palavra, pelo discurso, pela razão. Na sociedade cuja comunicação depende e decorre essencialmente por imagens, António Sérgio e o sergianismo dificilmente fazem, sequer, sentido.» Para lá destes surpreendentes e irresponsáveis dislates acríticos e dogmáticos, acresce que Leone passa ao lado do portentoso ensaísmo literário de Sérgio, autor de obras-primas sobre Vieira, Herculano, Antero, Eça, Junqueiro e tantos outros, de indiscutível originalidade e erudição, nomeadamente os respeitantes a Antero. Ignora também totalmente que Sérgio foi um clássico da língua, onde (Jorge Sena assinalou-o) ocupa um lugar cimeiro no panteão da Língua. Passa em claro a sua pedagogia social muito actual ainda hoje e, também, o seu inovador ensaísmo histórico, de matiz económico e social, materializado na famosa *História de Portugal* (1941) logo apreendida pelos esbirros de Salazar.

Voltemos porém às conclusões leónicas. Elas baseiam-se sobretudo em textos onde Eduardo Lourenço levianamente põe em causa o ensaísmo de Sérgio, sem que este «figurão de grande proa» (Eugénio Lisboa) aduza razões convincentes a esta hipótese de nítida brava-ta, que deixa no ar. Quase simultaneamente à leitura de Leone acabo de ler o livro de ensaios de Eugénio Lisboa da IN-CM., intitulado *Uma Conversa Silenciosa* onde o conhecido ensaísta nos oferece um arrazoado anti-Leone de notável repercussão, no artigo com o mesmo título que escolhi para estas considerações, assim o terminando: «Lourenço, com a subtilidade *ondoyante et diverse* que o caracteriza, en-



Busto de António Sérgio do Arquivo de António Sérgio

saiou em grande estilo, destronar Sérgio, exercício sedutor, quando o percurso o é, e que só tem efeitos destrutivos duradouros, quando os destinatários dele se demitem da mínima autonomia mental atribuível a um verdadeiro clerk. Leone, sem subtilidade nenhuma, traduziu para calão grosseiro o rendilhado fino do autor do *Labirinto da Saudade* com os pasmosos resultados que pus em gostoso itálico. É que a razão, tal como a democracia, é realmente uma coisa pífia - com a reserva importante de que ainda não se encontrou coisa melhor.»

(p.3966). Para terminar: o «racionalismo místico» de Sérgio é coisa muito séria e subtil na sua filosofia que carece de interpretação aprofundada e não está ao alcance da cultura de Leone. Pode muito bem enriquecer a posição sergiana (tanto como comprometê-la) que passa por uma preparação Físico-Matemática fora do alcance quer de Leone quer de Lourenço, que não ousam abordá-la.

Faço deste texto uma introdução e um complemento à *Nota Preambular* à 3.^a edição do meu *Diálogo Com António Sérgio*.

Quantos anos levará o País a inventariar criticamente o espantoso trabalho deste homem de excepção?

José Cardoso Pires

NOTA PREAMBULAR DA PRESENTE EDIÇÃO

Ao reler o texto da edição anterior e os inúmeros acrescentos que agora fizemos, algum tempo depois de termos recebido as respectivas provas, a nossa primeira impressão foi a do estupendo vigor da prosa sergiana, escrita há mais de meio século, logo seguida da certeza da sua incrível e utilíssima actualidade. E isto dá que pensar, pois não é grande, infelizmente, o progresso dos portugueses quanto à cultura, ginástica mental, independência crítica e racionalidade de mente. António Sérgio é hoje, para a maioria dos portugueses, uma personalidade esquecida, apenas apreciada por uma minoria académica e uma elite, e este problema continua a pôr-se com lamentável persistência.

Entre muitas outras questões, sugerimos pela primeira vez nesta edição, uma aproximação entre Sérgio e Eduardo Lourenço, ensaísta de mérito, quarenta anos mais novo, cuja vida contrasta singularmente com a do autor dos *Ensaio*s. De facto, Lourenço viveu sempre tranquilamente. Jamais o poder político o incomodou, jamais o prenderam, jamais o expulsaram do país ou lhe apreenderam livros, jamais sofreu dificuldades materiais, mais ainda, jamais ousaram contraditá-lo! Nunca lhe passou pela cabeça (como Sérgio fez em 1928) tomar de assalto um paquete nas colónias, artilhá-lo e partir à conquista de Lisboa. Jamais concebeu (como Sérgio em 1931) fazer a revolução contra a ditadura, com armas na mão, sob a invocação do autor da *Técnica do Golpe de Estado*, de Malaparte! Tem vivido calmamente, aplaudido, louvado, como um *mito absoluto* e radical, com duas edições das suas obras. Que me lembre, nas páginas do *Jornal de Artes e Letras (JL)*, tribuna principal dos seus escritos, apenas Knopfli ousou beliscá-lo a propósito de Shakespeare, provocando nele o receio de que outros seguissem o seu exemplo, o que nunca viria a acontecer.

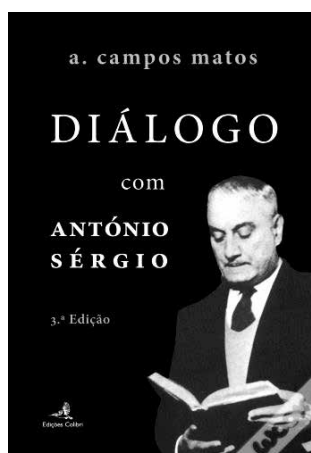
Em 1996, E. Lourenço, no artigo «*A crítica como mitologia*» (Revista Expresso), fez justiça a Sérgio ao afirmar que «mesmo contestado nalguma das suas propostas ou até recusado, exerceu sobre o discurso crítico do nosso século XX uma influência com nenhuma outra comparada.» Se ousar dizer, fez uma breve referência a A. Sérgio, nas páginas da *Heterodoxia* 1 (2005), afigurando-se-nos que durante anos ocultou a presença do seu rival, chamando-o à liça já depois da sua morte na revista *O Tempo e o Modo* (de Março - Abril de 1969, texto mais tarde recolhido em *O Labirinto da Sau-*

dade, - «Sérgio como Mito Cultural» (2008), onde veio afirmar: «Raramente António Sérgio abordou qualquer matéria - acontecimento histórico, obra literária, publicação filosófica - em primeira mão, se se prefere de face.» Ora parece-me isto afirmação extraordinária e sem qualquer fundamento, havendo lugar para inquirir se ele E. Lourenço teve essa originalidade. Questionando se Sérgio foi um verdadeiro ensaísta, deixou esta dúvida inacreditável em aberto, como fechada supostamente certa, a menos que algum póstumo a venha posteriormente esclarecer. No texto de 1969 (no *Tempo e o Modo*), não fez alusão ao, para muitos, o momento cultural mais importante do século XX - a polémica com Bento de Jesus Caraça. Faltaram-lhe bases elementares de Física e Matemática para poder acompanhar essa polémica difícil, que, aparentemente, lhe poderia ter vindo a sabor, pois Sérgio claudicava na área da Matemática. Convictamente aqui dizemos: em comparação com a personalidade de Sérgio, Lourenço é diminuto, o que esta obra prova à sociedade e o provará, igualmente, a *fotobiografia* no prelo.

Outro tema desenvolvemos bastante, ou seja, o da posição sergiana das hipóteses mentais ensaísticas em detrimento da pesquisa histórica propriamente dita, que não lhe interessava e, igualmente, os termos do “racionalismo místico”, área muito rica de congeminções e decerto controversa.

Terminamos com lembrar a necessidade de dar andamento à sua «Obra Completa», ou «edição crítica», encetada em 1971 pela desaparecida Livraria Sá da Costa Editora, às mãos de um escol de sergistas, que terá ficado por metade da sua recolha. Nela colaboraram: Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio, Joel Serrão, Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira.

Com a Fotobiografia do ensaísta, fica-nos a satisfação do dever cumprido; com termos conseguido dar de Sérgio um retrato o mais completo possível; e a alegria de termos contribuído para a justíssima memória do maior escritor de ideias português.



Maria Virginia Monteiro
poetisa

A Coluna da Virginia Apontamento 32

(Ligado talvez à obra em prosa...)

O L.E.V. - ou seja - Literatura em Viagem -, de Matosinhos, realizou-se, entre 8 e 10 do mês de Maio, na Biblioteca Florbela Espanca, neste ano de 2015. Obtidas certas informações, através dos jornais literários, que habitualmente me vão chegando às mãos, sobre vários temas interessantes debatidos nas chamadas mesas-redondas.

- Um desses temas: - “A literatura é um campo de conflitos entre o bem e o mal”...

Houve uma resposta, do G.M.Tavares: - “A literatura é naturalmente perversa, na medida em que vai ao verso das coisas (...) e aí o mal está sempre presente (...)”

- Reflectindo sobre este ponto... eu chego a uma conclusão mais dramaticamente perversa do que é a do G.M.Tavares... É que me parece concluir, na posse da já idosa experiência... que ela, a literatura, reflecte, sim, a perversidade da acção humana, aquela que resulta da humana-criatura...

E, assim, é ela reflectida nas coisas (verso ou reverso), como queiram chamar-lhes!...). Estranhamente, tiro agora esta conclusão, lendo (...) relendo...) os meus velhos contos... os tais, os que retratam a tal acção humana...

FOTO.DR



**Lurdes Neves**

PhD, docente universitária UP

A transformação da Escola Pública durante a Pandemia Covid-19 em Portugal

Para fazer face ao perfil do aluno do século XXI era determinante que todo o contexto educativo fizesse ajustes em métodos, recursos, competências e estratégias pedagógicas. As mudanças tecnológicas já impunham há algum tempo ligações fortes e mais continuadas com o sistema educativo, sendo premente a necessidade de adaptação de metodologias de ensino e aprendizagem para se garantir as qualificações que os estudantes necessitam no futuro e a abrir a sala de aula a matérias que respondem a novas necessidades da sociedade e da economia.

Mas esta mudança de forma mais profunda foi sendo adiada sobretudo por falta de recursos tecnológicos e das desigualdades sociais que se manifestavam das diferentes capacidades de acesso à comunicação, informação e conhecimento, quer de professores quer de alunos.

Se o que vivemos actualmente poderá constituir um momento na história do contexto educativo marcante para a reestruturação futura de estratégias pedagógicas e políticas educativas, quem sabe agora que estamos sozinhos com os nossos pensamentos que chegamos à conclusão que a hora de recomeçar de uma forma diferente chegou?

Com ritmos diferentes e diferentes formas de gerir a pressão inerente a estas mudanças o governo, autarquias, escolas, pessoal docente e não docente têm agora a oportunidade de recomeçar o futuro da escola de uma forma diferente. Tenho tido a oportunidade de acompanhar, apoiar e assistir a essa mudança e os resultados para muitos professores que tenho observado prendem-se também com o sentimento de missão e de dever cumprido e a satisfação extraordinária por muitos constatarem a sua própria superação de dificuldades inerentes ao ensino e comunicação à distância.

Proporcionando-se os meios tecnológicos necessários a alunos e professores começará uma nova era da escola Pública e do Ensino Português. Quem sabe que outras vantagens que teremos também junto dos alunos na sua motivação e definição de objetivos de vida?

Tenho contactado diariamente com centenas de professores que se desdobram para aprenderem a usar estas ferramentas e em criarem novas formas de comunicar entre eles, para de-

seenvolverem práticas colaborativas, para comunicarem com os alunos e os monitorizarem, até mesmo para se garantir a realização das reuniões de avaliação do final do período. Até mesmo se assiste a esforços para se compensarem as diferenças na comunicação por interferência dos elementos estranhos à interacção e comunicação entre professores e na relação pedagógica com os alunos.

Como refere Norman Friesem, um conhecido investigador na área da educação tecnológica, que tem dedicado a sua vida a explorar estas diferenças, em particular os problemas que surgem sempre que a tecnologia é introduzida no contexto educativo, para além das limitações da demonstração de conhecimentos, surge a necessidade de avaliar também o impacto na relação pedagógica estabelecida ao nível do contacto visual, da imagem/aparência pessoal, do sentimento de avaliação pela observação direta bem como as interferências a nível vocal.

• Ausência de contacto visual

Uma das questões mais óbvias está relacionada com uma limitação técnica que impede que seja possível colocar a câmara e o écran exactamente no mesmo sítio. Ou seja, quando olhamos para a câmara estamos a dar a impressão ao outro que estamos a olhar para ele e se quisermos olhar para os olhos no écran iremos imediatamente estar a parecer olhar para outro lado e a evitar a pessoa.

Esta questão das reuniões por videochamada e em aulas síncronas são extremamente relevantes e ajudam a compreender o desconforto de algumas pessoas através deste meio de comunicação. Para que uma interacção humana funcione da melhor forma é essencial o interesse e atenção entre ambas as partes o que pode ser condicionado por esta forma de comunicação.

• Distorção da imagem

Outro aspecto de extrema importância é a face do professor que terá de estar sempre visível durante toda a sessão e todos os alunos estarão a olhar para si de uma forma bem mais intensa do que o normal. Como estão todos perto dos écrans (sejam computadores ou telemóveis), co-

mo tal parecemos bem maiores do que normal e passa a ser possível identificar todas as imperfeições e destacar os comportamentos dissonantes. A obrigatoriedade de maior consciência da linguagem corporal torna também a comunicação menos fluída, dificultando a relação emocional por as partes estarem menos confortáveis.

• O sentimento de avaliação e julgamento

Destaca-se o receio de julgamento e de avaliação dada a inexistência de uma interacção recíproca e natural, porque é possível o sentimento de que se está a ser controlado em todos os movimentos. Apesar de fingirmos que estamos a olhar para a outra pessoa, o mais provável é que durante as sessões de videochamadas estejamos a olhar para a nossa imagem no écran, tentando determinar de que forma podemos melhorar o nosso aspecto, ajustando ângulos, cabelos, etc. Poderá criar-se o efeito de que se está a falar ao espelho ou com o reflexo, dificultando a empatia e a conexão emocional necessária a uma relação.

• A distorção da voz

A frase “estão a ouvir-me bem?” tornou-se viral nestas últimas semanas. A verdade é que durante uma videoconferência ou videochamada é difícil perceber exactamente como e o que é que os outros nos estão a ouvir. Ou seja, as consequências na transmissão da mensagem e do conhecimento poderão existir nas sessões síncronas e o mais provável inclusive é que o nosso discurso seja transmitido com “cortes” e interferências que dificultam a interacção.

Quando conversamos presencialmente somos capazes de ajustar o tom da nossa voz e a entoação, à medida que precisamos transmitir uma determinada informação o que se torna muito mais difícil de se garantir quando existem outras interferências no som.

E, apesar de tudo isto, as mensagens entre professores, entre professores e alunos e encarregados de educação exponenciaram-se, os mails multiplicaram, as chamadas intensificaram, tudo em prol da escola, do ensino, dos alunos e de se conseguir fazer mais e melhor todos os dias, às vezes mesmo sem condições físicas, materiais e tecnológicas adequadas.



Paulo Ferreira da Cunha
lusoofilias@gmail.com

Estado de Emergência e caldos de galinha...

Um dia, um Prof. estrangeiro contou-nos que fora convidado para empresas de sucesso e até para o governo, mas recusara: mais se deleitava no fascínio dos alunos e na fama das publicações. Grandes especialistas, alguns puxando por galões académicos, vêm agora a público para revelar a “verdade” sobre a pandemia. Podem ser os seus 5 minutos de fama.

O cidadão deve desconfiar de revelações bombásticas em ciência, como o faria com previsões de qualquer guru esotérico. Sugerimos que, como dúvida metódica, não acredite em teorias da conspiração, agora embaladas com linguagem científica e até títulos académicos. Algumas “revelações”, a circular como pretensas verdades retumbantes, lembram perigosamente os desvendamentos por iluminados de seitas, ou gurus em nome individual.

Na vozearia, qual a receita para produzir maior impacto? Nada sabendo de epidemiologia, infetologia, medicina em geral, estatística, cálculo de probabilidades, pode-se construir discurso mentiroso, mas eficaz: com manipulação de estatísticas (mesmo sem dados falsos!) e uma tese simples e contrária ao que é em geral acreditado. Se o fito for apenas audiência, ser-se falado, dir-se-á que os outros estariam a mentir, teriam interesse em esconder a verdade, e que o desvendador representa a ciência pura, desinteressada, e irá revelar a verdade. Esta, para ter impacto, não pode ser o que toda a gente sabe: relativa opacidade dos números, suscetibilidade de manipulação, a grande incógnita sobre o significado de um dia baixarem os óbitos e no dia seguinte poderem disparar... Todas as reticências e reconhecimento da falibilidade humana não vendem, não entusiasma. É preciso (como nas práticas “mágicas”) ter total autoconfiança. Ser-se dono da verdade.

Os candidatos à fama científica à maneira dos gurus esotéricos têm uma receita simples: exagero, revelações contra o *mainstream*, teoria da conspiração.

Numa situação em que, justamente, as pessoas andam preocupadas e respeitam o confinamento, há *moderado* alarme social. Não é pânico ou alarmismo. Mas não é inconsciência. Os Portugueses, em geral, quando começaram a aperceber-se do perigo, tomaram precauções. Parece que tem resultado.

Contudo, as opiniões que mais inflamarão almas simples, crédulas, já aborrecidas de estar em ca-



FOTO: DR

sa, serão as bombásticas. A mais suscetível de alcançar fama é, em países como o nosso, onde não há um poder a fazer a desvalorização da pandemia (como noutros), tratar a situação como uma gripezita, ou menos.

Amanhã, quando se virem pessoas na praia, aos magotes, talvez elas mostrem nos seus telemóveis vídeos como salvo-conduto para a irresponsabilidade. Presume-se que as discotecas não abrirão ainda. Se não, lá teríamos tal alibi.

Perante situação de perigo, dizer-se que é tudo invenção, conspiração, pode ter sucesso. Alguns difundirão essas teses por curiosidade, mas podem ter êxito viral.

Atenção aos “atos falhados”! Por exemplo, se um texto que deveria ser estritamente científico repetidamente veicular críticas *políticas* contra os poderes que decretam estados de emergência (e denotando desconhecimento jurídico), tal poderá fazer suspeitar objetivos não científicos e será caso para investigar com acrescida desconfiança. O que alguns reterão será que os poderes teriam respondido mal (sabe-se lá com que intenção: remissão para intenções ocultas e perversas?) a uma gripezita, só uma gripezita.

Também o catastrofismo, sanitário ou económico, pode ser meio de procurar audiência. Em geral, profetas da desgraça acertam. Mesmo que se pinte o monstro com cores um pouco negras, o alívio relativo que possa vir a ocorrer desculpará o exagero.

Entre catastrofistas e desvalorizadores, à cautela, é melhor prepararmo-nos, com esperança e responsabilidade. Não será posição civicamente louvável dar palco e fama aos propagadores de teorias da conspiração desvalorizadores da dimensão e gravidade da pandemia. Nada de limitação da liberdade de expressão; mas é nociva uma ingénua propagação viral de ideias que a todos podem custar muito caro por levarem a baixar das defesas. “Cuidados e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém”. O descuido, o baixar as guardas, sim. Pode ser fatal.

Esse nosso colega nunca terá os 5 minutos de fama de um especialista médico ou matemático. Nunca os terá dessa forma “à maneira dos gurus”. É tranquilizador, porém, como podemos vê-lo a utilizar o confinamento para escrever mais uns livros, que *não farão mal a ninguém* e o encherão de vaidade quando, passada a pandemia, pelas medidas de contenção e pelos avanços reais de uma ciência que não busca o protagonismo, puder voltar a fazer a sua ronda das livrarias, e perguntar, como uma criança que espera um doce: “- E o livro do professor Fulano? Têm?”.

“- Sim, Sr. Prof. Fulano. Tem-se vendido como pãezinhos quentes” - responderá, faceto, o vendedor.

Lemos de soslaio o título: *O Estado de Emergência não suspendeu nunca a Constituição*. Estavam os dois com máscara.



Cristina Cordeiro
escritora, jornalista

Museus Centenários de Portugal: O século XX.

Com o lançamento deste segundo volume se conclui a publicação de 'Museus Centenários de Portugal', obra de carácter generalista, dirigida a um vasto leque de leitores, das mais diferentes gerações e geografias.

Foi um trabalho de grande fôlego, este, traduzido em cerca de seiscentas páginas profusamente ilustradas com as fotografias de Manuel Aguiar, com quem, ao longo dos últimos dois anos, percorri o país de lés-a-lés, continente e ilhas.

Valeu a pena.

Perseguindo a história de vinte e cinco dos mais antigos museus portugueses, nascidos entre 1772 e 1918, não raro em circunstâncias adversas, mergulhámos nesse 'tempo sobreposto' - as palavras são de Torga - descobrindo-lhe as camadas, como se de uma cebola se tratasse.

Nestes museus cabe tudo: técnicas e saberes muito antigos, continuamente renovados; lendas, fés e um 'saber de experiência feito', na origem da curiosidade científica; objectos do quotidiano, transfigurados no decurso dos séculos; e objectos distantes, misteriosos, que exercem até hoje sobre nós um fascínio inexplicável. Todos estes universos se cruzam e se influenciam, permitindo-nos tecer um quadro mais geral, complexo e inesgotável, sempre aberto a novos diálogos e interrogações.

Ao longo de gerações sucessivas, uma vasta galeria de figuras de excepcional dimensão cultural e humana - arqueólogos, artistas, cientistas, exploradores, aventureiros, políticos, homens de igreja, também -, personagens visionárias e persistentes, movidas por uma inquietação intelectual invulgar, contribuíram para tornar cada um destes sonhos realidade. Algumas custearam do seu próprio bolso os projectos culturais que ganharam raízes e, contra ventos e marés, se afirmaram ao longo das décadas seguintes. Financiaram terrenos, edifícios, escavações arqueológicas, viagens, colecções, fábricas, jornais, iniciativas do mais variado teor; outros - autarcas, ministros, aristocratas, homens de igreja, republicanos, monarcas e presidentes - viabilizaram politicamente estes projectos, afirmando a riqueza e diversidade do nosso património cultural, em prol do bem comum.

Neste segundo volume se percorrem doze instituições fundadas entre 1905 e 1918 que aqui apresentamos:

Museu de S. Roque - Inaugurado em 1905, em Lisboa, começou por girar em torno do Tesou-

ro da Capela de S. João Baptista. Ourivesaria, paramentaria, pintura, escultura, relicários e arte oriental constam hoje entre os núcleos mais expressivos do acervo que entrelaça num só fio história, religião, arquitectura e arte, estabelecendo uma linha de continuidade através dos séculos.

Museu Nacional dos Coches - Aberto ao público em Maio de 1905 no antigo Picadeiro Real do Palácio de Belém, a sua colecção reúne viaturas de aparato, atavios equestres, fardamentos, arreios e pintura. Sediado desde 2015 num novo edifício, aqui se encontra aquela que é considerada a mais importante colecção de coches do mundo.

Museu Francisco Tavares Proença Júnior - Criado em 1910, meses antes da proclamação da República, por iniciativa do arqueólogo que mais tarde lhe deu o nome, os núcleos de arqueologia, de colchas históricas de Castelo Branco e o acervo artístico do Paço Episcopal, casa-mãe deste museu desde 1971, justificam bem esta visita.

Museu Nacional de Arte Contemporânea - Situado no Chiado, em Lisboa, foi fundado em 1911 e instalado provisoriamente no antigo Convento de S. Francisco, onde permanece até hoje. De 1850 aos nossos dias, nele se reúne a colecção mais abrangente de arte contemporânea portuguesa.

Museu de Aveiro - Criado em 1911 por um decreto da República, foi sediado no antigo Convento de Jesus da cidade. Construiu a sua identidade em torno da figura de Santa Joana Princesa (1452-1490), que aí viveu e morreu, e de um espólio de arte sacra, onde a talha, a pintura e a escultura se assumem como principais protagonistas de uma colecção bem mais abrangente.

Museu Nacional Machado de Castro - Escultura e ourivesaria sobressaem entre as colecções do vasto acervo deste museu nascido em Coimbra no ano de 1911. O magnífico criptopórtico romano é percurso obrigatório. Em 2019 o museu foi classificado como Património da Humanidade.

Museu Abade do Baçal - Inaugurado no ano de 1915 e sediado no antigo Paço Episcopal de Bragança, é um verdadeiro repositório de memórias da vasta região em que se insere: o nordeste transmontano.

Museu Nacional de Évora - Foi fundado em 1915 em torno das colecções reunidas por Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814) na Biblioteca Pública da cidade, acervo ao qual veio juntar-se parte do espólio artístico de conventos extintos da re-

gião e da Sé Catedral de Évora, para além de um núcleo arqueológico.

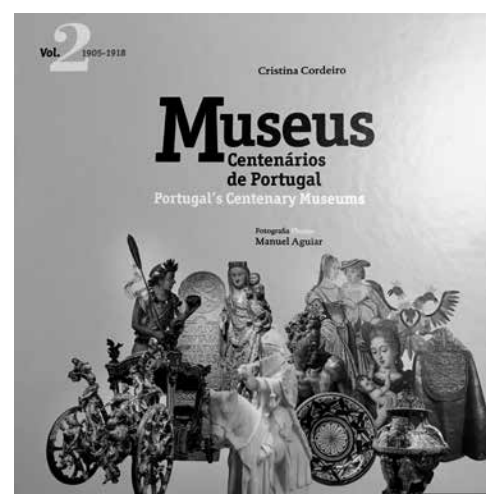
Museu Nacional Grão Vasco - A arte sacra tem o papel principal neste museu fundado em 1916. Entre a colecção de pintura, de todas a mais expressiva, emergem os retábulos do pintor Vasco Fernandes (circa 1475 -1542), o Grão (grande) Vasco.

Museu Bordalo Pinheiro - Em torno da figura de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) em Lisboa no ano de 1916 o primeiro museu monográfico do país. O acervo tem por base a obra gráfica e cerâmica do artista.

Museu de Lamego - Fundado em 1917, foi sediado a título provisório no antigo paço episcopal da cidade e nunca mais de lá saiu. Arte sacra, tapeçarias flamengas e arqueologia são três dos pontos altos de uma colecção surpreendente.

Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa - Criado em 1918, ganhou nova vida com as escavações da antiga cidade romana de Bracara Augusta, iniciadas em finais da década de 1970. Dotado de laboratório próprio, o novo edifício acolhe um vasto acervo centrado num arco temporal que se estende do Paleolítico à Idade Média.

O livro está escrito e publicado, já não é meu, é vosso. Se contribuir para aproximar um pouco mais dois mundos que não fazem sentido um sem o outro - os museus e o seu público - terá cumprido o seu papel.



NOTA

Na próxima segunda-feira, dia 18 de Maio, comemora-se o Dia Internacional dos Museus, este ano sob o tema «Museus para a Igualdade: Diversidade e Inclusão».

LeV mantém-se “vivo e activo” em forma digital

“A força de um município é proporcional à força dos seus munícipes. As câmaras municipais enquanto emanação desse poder dos cidadãos têm a obrigação de dizer presente nos momentos mais difíceis”. As palavras de Luísa Salgueiro vêm a propósito da realização da 14.ª edição do LeV - Literatura em Viagem que se realiza online, de hoje, 13 (quarta-feira) a 17 de Maio. Como presidente da autarquia que organiza e dinamiza este festival de literatura explica a opção de não suspender, antes adaptar: “Nestes dias de grande incerteza, em que nos focamos na saúde dos mais frágeis, na alimentação dos mais desfavorecidos, não podemos esquecer que o ser humano também é espírito, inteligência e pensamento”. E revela a satisfação de manter “vivo e activo o LeV - Literatura em Viagem, um dos mais antigos e importantes festivais literários portugueses, agora nas plataformas digitais. Mais ainda quando se abrem possibilidades de chegar a mais gente, de chegar mais longe, de estender este festival a três continentes e a muitos milhares de leitores”.

É possível acompanhar as sessões gratuitamente através das páginas de facebook da autarquia e da Biblioteca Municipal Florbela Espanca entre os dias 13 e 15, às 17, 18, 19 e 22 horas e nos dias 16

e 17 terão lugar sessões às 17, 18, 19, 21 e 22 horas. O evento tem como tema «Volta ao mundo em 80 viagens» e conta com nomes como Isabel Alende, Alexandre Quintanilha, Ana Luísa Amaral, David Machado, Gonçalo M. Tavares, Joana Amaral Dias, José Luís Peixoto, Matilde Campilho, Pedro Abrunhosa e Ondjaki. Os convidados desta edição são desafiados pela organização a “falar dos livros que os fazem ou fizeram viajar, bem como as viagens que mais os marcaram nas suas carreiras”.

Se para o vice-presidente da autarquia “um dos grandes desafios dos autarcas, por estes dias, passa por tentar minimizar o impacto desta pandemia junto dos seus munícipes” e reconhece que na área da Cultura “este exercício é particularmente mais complexo”, pois os espectáculos vivem da experiência do momento no local, Fernando Rocha realça que o LeV “este ano perde o encanto do contacto directo com os autores, mas ganha no alargamento de fronteiras, quer na proveniência dos autores, quer no alargamento do público”.

[Programa: https://www.cm-matosinhos.pt/cm-matosinhos/uploads/writer_file/document/23215/programa_completo_lev_2020.pdf]

Actividades adiadas na ASCR - Confraria Queirosiana

Nas actuais condições de confinamento, a direcção da associação cultural Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana continua a atender os seus associados por telefone, e-mail ou outros meios não presenciais, encontrando-se a reequacionar toda a programação em curso ou previstas para 2020-2024. Como foi divulgado, foi temporariamente suspensa a assembleia-geral ordinária para apresentação do Relatório e Contas de 2019 e Programa de Actividades e Orçamento para 2020, bem assim como a assembleia eleitoral para os novos corpos gerentes entre 2020 e 2024, as quais serão realizadas logo que as condições o permitam.

Luz verde à 2ª fase da requalificação da Escola Básica e Secundária de Vila Nova de Cerveira

A Autoridade de Gestão do Programa Norte 2020 aprovou a candidatura para financiar a 2ª fase da requalificação da Escola Básica e Secundária de Vila Nova de Cerveira. Através de uma reprogramação do quadro comunitário, a empreitada orçamentada em 2,3ME conta com um financiamento do FEDER (1,2ME) e do Ministério de Educação (1,05.882,36E), cabendo ao Município cerveirense investir cerca de 1ME. Autarquia vai proceder à abertura de um concurso público prevendo que, e após ultrapassado todo o procedimento administrativo-burocrático, os trabalhos avancem até ao final do ano.

Biblioteca da Maia leva a leitura a casa

Nesta altura de confinamento, a Biblioteca Municipal da Maia leva os livros a casa dos seus leitores, de um vasto conjunto de obras disponível. São entregues com as necessárias medidas de higienização obrigatórias, à porta de casa de cada um. Os livros podem ser escolhidos na página da internet da biblioteca (<https://biblioteca.cm-maia.pt/>).

Candidaturas ao FesTacco

O Círculo Católico de Operários (CCO) de Vila do Conde e o TACCO (Teatro Amador do CCO) irão promover, de 30 de Outubro a 28 de Novembro, a 5.ª edição do FesTacco - Festival de Teatro Amador do CCO. As candidaturas para a participação nesta mostra de teatro amador estão abertas até 31 de Maio. [Regulamento: <https://www.ccoviladoconde.com/wp-content/uploads/2020/05/Regulamento-FesTacco-2020.pdf>]

Escola Ciência Viva Gaia

Nestes dias em que é fundamental ficar em casa, a Escola Ciência Viva Gaia partilha algumas sugestões de actividades que os mais pequenos podem fazer em casa e algumas curiosidades. O Origami Rã e a Expansão do Universo são duas das experiências disponíveis até 31 de Maio [<http://www.cm-gaia.pt/pt/eventos/no-mundo-da-ciencia/>]

Aulas abertas online de cultura italiana

A Associazione Socio-Culturale Italiana del Portogallo Dante Alighieri (ASCPDA) vai desenvolver um conjunto de aulas abertas online de cultura italiana. Serão oito sessões (duas por semana), a partir das 18h30, com a duração máxima de uma hora. As aulas serão em italiano e a participação gratuita, mas com inscrição obrigatória. A primeira aula, dedicada a Veneza, será no dia 15 de Maio (sexta-feira) e a última terá lugar a 8 de Junho. [Informações e inscrições: ascipsegreteria@gmail.com / 961 954 244]

«Santo António» de Agustina lançado este mês

As circunstâncias actuais, obrigaram o Círculo Literário Agustina Bessa-Luís a cancelar as actividades previstas para este ano, nomeadamente a viagem a Itália - Roma, Assis e Pádua - aos lugares Antonianos, preparada para se realizar este mês. Celebram-se os 800 anos da entrada de Santo António para a Ordem, e a viagem faria coincidir essa celebração com a saída do livro de Agustina, «Santo António», há muito esgotado, agora com um Prefácio de D. José Tolentino Mendonça. Adiada a viagem, sairá o livro em final de Maio.

Marionetas na internet

O Município de Gondomar, em parceria com o Teatro e Marionetas de Mandrágora, tem vindo a dinamizar a Casa Educativa da Marioneta na Casa Branca de Gramido, oferecendo um conjunto de actividades na área da marioneta, das quais se destacam os workshops. Nestes tempos em que os espaços culturais não podem receber as pessoas, o projecto vai ao encontro do público através da internet. Em https://www.youtube.com/watch?v=xB8yG_9r9ow está disponível o vídeo-workshop «História a Meias», produzido em parceria com o Teatro e Marionetas de Mandrágora.

«Aquisições» inclui compras directas

O projecto «Aquisições», que veio reactivar a Colecção Municipal de Arte no Porto, terá na sua corrente edição a possibilidade de compra directa de obras a artistas da cidade, que poderão submeter uma sugestão de compra ao actual comité de aquisições, até ao valor máximo de 2.000 euros, entre os dias 14 e 27 de Maio. A iniciativa tem vindo a fazer crescer a Colecção Municipal de Arte desde 2018, com os objectivos de dinamizar e valorizar o património artístico do Porto e documentar a memória da prática artística da cidade, através da compra regular de obras apresentadas em exposições realizadas em galerias de arte da cidade. O guia para submissões pode ser consultado no website da plataforma Pláka [www.plaka.porto.pt].



António Ferro
músico

Ruas Nuas

Passo tantas vezes nas ruas...
Nem sempre as mesmas,
Mas sempre nuas.
De dia, tudo vemos e nada escondemos
À noite, "os encantos", alguns supremos...

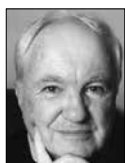
As ruas testemunham os seres humanos
Que correm nelas em todas as direcções,
Uns aflitos, outros aos gritos
Uns com certezas, outros com questões...

As ruas mantêm-se intactas, de pedra e cal.
Sabem as histórias da vizinhança,
Mas, não lhes dão grande importância,
mais tarde, tudo se sabe pelo jornal...

Assistem ao nascimento e à despedida...
Ao casamento e à amante escondida,
Ao mau tratamento familiar,
Mas, nunca as ruas irão julgar...

Estão sempre atentas aos movimentos,
Assistem às manifestações pelos direitos,
Pelas políticas ou pelos feitos (?)
Ou por qualquer outra razão...

Ruas que sabem das nossas vidas
Das incertezas, minhas e tuas.
No silêncio das despedidas...
No silêncio das ruas nuas.



Júlio Conrado
escritor

Poesia em tons vários

UM ADEUS CONFINADO

O adeus derradeiro nunca é fácil
especialmente quando se trate de alguém extraordinário
na mira de um vírus serial killer implacável,
a quem foi entregue pelos donos dos piores infernos
a tarefa hercúlea de dizimar da face do planeta azul
tudo quanto rescendesse
a humanidade feliz por cultivar Poesia.
Equiparam-no com uma couraça
à prova de emoções e sensações
favoráveis ao perdão dos que ousassem
exprimir em verso o direito à vida.
Escrevias um poema quando a vil criatura
te cortou as palavras com que reclamavas
esse direito, e que com a pontaria de um profissional,
te recusou a ousadia de lhe fazeres frente
com as tuas belas estrofes.
Eras poeta e cientista topo de gama.
Tinhas oitenta anos.
Não te perdoaram seres portadora
do dom de versejares
em tempo de pandemia.
Adeus Maria de Sousa. Deixas saudades.



Maria Antónia Jardim
escritora e especialista em
Psicologia da Arte

A pandemia e as figuras de estilo!

Estamos a assistir das nossas janelas e varandas ao renascer do Verde do planeta Terra e enquanto o Planeta respira fundo e livremente, muitos de nós, os mortais, aguardam por ventiladores!

Note-se que a primeira figura de estilo a que assistimos é a **Personificação** e é perversa!

Entretanto e porque estamos em casa, não nos mexemos muito e os prazeres do mundo estão a ser negados...o que fazemos? Comemos! Exageradamente... A obesidade vai passar a ser gigante!

Esta é a segunda figura de estilo: **A Hipérbole**, que neste caso, vai contra os padrões de beleza sociais!

E a vida corre lá fora enquanto anda muito lentamente cá dentro! A ânsia de calçar os sapatos de sair à Rua é enorme e dar a volta ao quarteirão é uma viagem fantástica!

Terceira figura de estilo: **Sinédoque**! Ah, sim! Tome-se a parte pelo todo! Façamos de conta que ver a árvore é passear no Bosque e avistar o mar são férias de praia! Sim, sabe a pouco mas tem que ser!

Porém, se a grande figura de estilo da Vida é a **Comparação**; agora ela assume um papel verdadeiramente preponderante na vida de casa e na vida televisiva! Veja-se:

Em casa os membros do casal comparam os cozinheiros, o que arruma melhor a cozinha, o que faz melhor a cama e a discussão instala-se...os irmãos têm agora mais tempo para se verem ao espelho e compararem os tamanhos, altura e outros... e o pior é quando se vê com atenção o saldo das contas bancárias e se começa a comparar com o que era dantes!!!!

Já na televisão, diariamente, os jornalistas e comentadores comparam gráficos, estatísticas e orçamentos...

Conclusões? Poucas! Especulações? Mais do que nunca... sobretudo no que diz respeito ao número de falecimentos; com este vírus à solta há muita gente a preferir morrer em casa; já agora, haja alguma dignidade... pois a figura de estilo **Eufemismo** não faz parte da linguagem desta pandemia!

Não se pode dizer o mesmo da **Antítese**, que é abundante entre o **Antes** e o **Agora**. Os nossos comportamentos são água do vinho!

Deixei para o fim a figura de estilo de que gosto mais e que está muito presente no que apelidamos de "*Expressões idiomáticas do Português*": **A Metáfora**.

E, para já, os efeitos desta pandemia são:

Ficar com os cabelos em pé; os cabeleireiros e barbeiros têm estado fechados!

Ficar com os nervos em franja! Não relaxamos, não podemos ir ao ginásio ou ter um chá das Tias e ser cusca por um dia!!!

O melhor é **andar nas nuvens** e sonhar com um mundo Novo, uma Vida nova e uma oportunidade para MUDAR!

Afinal, como dizia o poeta: *O sonho comanda a vida!*



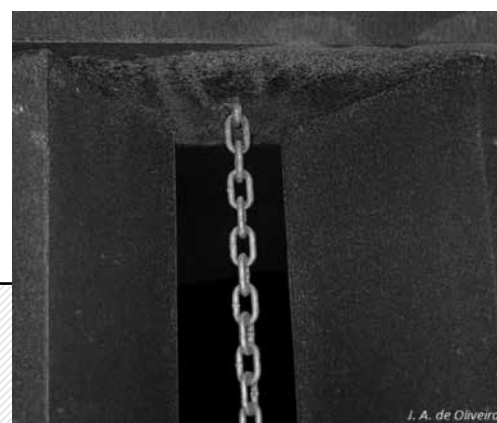
J. Alberto de Oliveira
poeta e professor

De relance

A peste não faz barulho. Avança pela calada.

Muito silenciosamente apressa a vitória da morte.

E quanto aos humanos, só resta *quotidianamente* fazer os despejos do presente. (M. G. Llansol)





Eugénio Lisboa
escritor

Introdução aos poemas dos dias da peste

Em tempos de peste e de confinamento, tendemos todos à melancolia, quando não ao desespero. É nestas alturas que se recorre e se deve recorrer ao humor (ao bom) e à faceirice, para desanuviar o ambiente. Podemos então revisitarmos a nossa poesia satírica ou as cantigas de escárnio e maldizer. Lembremo-nos também do célebre *Decamerón*, no qual um punhado de protagonistas foge aos horrores da peste negra, isolando-se em certo local, num confinamento igual ao nosso, contando-se uns aos outros, histórias ladinas, picarescas, apimentadas ou francamente licenciosas, com o fim de esquecerem a sinistra mortalidade que, lá fora, assolava as populações. Nietzsche dizia que a tragédia só podia ter sido in-

ventada por um povo feliz, como os gregos. Se calhar a comédia foi congeminação por um povo infeliz, a precisar de antídoto à melancolia. Alguém perguntou um dia a Anatole France que tal tinha sido a cerimónia de atribuição do Prémio Nobel. Respondeu: "Triste como um casamento e alegre como um enterro." Porque é um facto que há frequentemente muita choradeira nos casamentos e é nos enterros que se contam mais anedotas - não por falta de respeito para com o morto, mas antes como reacção ao horror da morte e da perda. Cultivar a tristeza e a melancolia, nestas ocasiões, é pouco recomendável. Quando se está triste, deve ir beber-se à boa fonte do humor e da ladinice. Ofereço aqui uma modesta contribuição a esse desanuviamento necessário.

CONSELHOS AOS IDOSOS DE CHRISTINE LAGARDE E OUTROS BENFEITORES

A Senhora Christine Lagarde
acha que os velhos vivem demais;
p'ra que a economia se resguarde
há que apressar os ritos finais.

Um senhor da América do Norte
pede aos idosos compreensão:
por favor não esperem pela morte,
façam-no pela vossa própria mão.

Tudo, é claro, a bem da economia,
nada a ver com qualquer heresia:
são, todos, religião e harmonia,
missa, terço e ave-maria!

Mas viver não é exagerar,
há que cuidar sempre dos cifrões:
p'rá economia não parar,
metam os velhos à vida travões!

Eugénio Lisboa,

que ficou muito preocupado com a economia
do globo, que ele tem estado, sem ser por mal, a prejudicar.

PENTASSÍLABOS PARA UMA VÊNUS DE MILO ABANDONADA

No Louvre deserto
a Vénus de Milo,
peito descoberto,
bonito mamilo,
não tendo a vê-la
ninguém como antes,
pensou: "Minha estrela
não é como dantes.
Antes, devoravam-me,
de olhos abertos,
e recomendavam-me
aos amigos certos.
Turbas assanhadas
com a minha nudez
expunham, pasmadas,
feroz cupidez!
Assim visitada
num belo museu,
fiquei viciada:
o mundo era meu!
Mas a peste veio
e tudo roubou:
que mundo feio
aquele em que estou!
Só, abandonada,
pior, desprezada,
ninguém a sorrir-me,
- o melhor é vestir-me!"

Eugénio Lisboa,

Lamentando, polissilabicamente, os efeitos da peste
no abandono e na morte de um mundo onde a beleza
e a nudez eram devidamente apreciadas e até veneradas.

AMOR VIRTUAL EM TEMPO DE PESTE

Usa-se o computador,
nestes dias desolados,
para fazer amor,
mas com pífios resultados.

O computador imita,
faz só aquilo que pode:
se o amor, com força, excita,
o computador implode!

Este amor só pelo éter,
sem um toque na cereja,
é como apalpar o sweater
em vez da teta que almeja!

Amar por computador,
nesta época tão triste,
é como fazer amor
com alguém que não existe!

Eugénio Lisboa,

que nada tem contra os computadores, antes pelo contrário,
mas que não pode, em boa consciência, não lhes reconhecer os limites.

AMOR VIRTUAL - II - VARIAÇÕES SOBRE UM SONETO CAMONEANO -

Amor é fogo que arde só ao longe
É ferida que dói e que se sente.
É um contentamento só de monge
É promessa doce que logo mente!

É um querer igual a não querer
É um comer que come sem comer
É um contentar-se em não colher
É um cuidar que se ganha sem arder!

É querer não estar preso e solitário
É sonhar que é sonhando que se tem
É só saber aguentar o fadário

Na esperança de o vírus acabar
É amar com as regras ao contrário
É cuidar que se frui sem se roçar!

Eugénio Lisboa,

pedindo desculpa ao grande Vate, por se apropriar
de um seu soneto justamente célebre, para fins medi-
cinais, muito necessários neste momento de grande solidão.



Filomena Fonseca
pintora, poetisa

TEMPOS DIFÍCEIS

Cada dia é difícil de se aguentar
que esta pandemia está para durar.

Não se pode sair como antigamente
que o vírus é bravo e mata muita gente.

Fique resguardado em confinamento
e tente fazer algo a cada momento.

Já que não pode ir à casa da vizinha,
faça uma limpeza na sua cozinha.

Pode ir à janela dar uma espreitadela,
brincar com o gato ou com a cadela.

Pode ler um livro há muito querido
ou fazer um doce, o seu preferido.

E pode ver um filme em horas mortas,
cuidar o seu jardim ou tratar das hortas.

Agora é moda e até muito normal
ter aula em casa e conversa virtual.

É tempo de ter máscara sempre à mão
e tempo de análise e de reflexão.

Seja solidário se puder ajudar,
que há já muita gente a necessitar.

Neste isolamento pleno de cansaços,
só não é tempo de beijos nem abraços!



Isabel Silva Bernard
escritora, psicóloga

Estar fechada em casa porque lá fora
o vírus está em todo o lado.
Trabalhar em casa, comer em casa, ver filmes em casa.
Ler em casa, fazer ginástica em casa, tomar café em casa.
Deambular entre a sala e a cozinha, passear no quintal, no terraço ou na varanda.
Cheirar as plantas nos vasos e sonhar com bosques e florestas.
Acariciar o cão e a gata, tuas companhias felizes num mundo infeliz.
Ir ao supermercado, olhar as pessoas com um sorriso,
mas afastar-se delas com medo, e vir depressinha para a casa-abrigo.
E quem não tem casa, que triste deve ser
não ter casa onde se esconder do vírus..
Chegar a casa aliviada por ter comida para mais uns dias,
tirar os sapatos com medo, tirar a roupa com medo.
Lavar as mãos, pegar nas compras com suspeita, e limpar tudo.
Sim, limpar tudo, lavar, fazer muita espuma.
O sabão destrói o vírus, por isso
lavamos as mãos vezes sem conta.
E às vezes esquecemo-nos e tememos.
Falamos ao telefone e nas redes sociais, trocamos abraços virtuais,
partilhamos conselhos, transmitimos esperança.
Mas sempre com medo, pelos pais, irmãs, filhos, netas.
Pelas amigas antigas e pelos amigos recentes.
Pelo futuro cujos contornos desconhecidos se ocultam atrás das bolas de sabão.
Irão as pessoas aprender a lição? - perguntamo-nos no silêncio dos pensamentos solitários.
As pessoas esquecem depressa, mostra-nos a História.
E procuramos disfarçar o medo com um sorriso,
porque há quem tenha ainda mais medo do que nós.



Luís Serrano
prof. universitário

SE AS AVES SE ESCONDEM

*Aquele que testemunhou o abismo, as fundações da terra,
experiente de caminhos, em tudo era sábio!*
Épico de Gilgamesh

Se as aves se escondem
a vida anoitece
e o canto escreve um nome
sobre o abismo
sobre as fundações da terra

nome de sílabas quebradas
no alto degelo das colinas
ou mão que arde no lume
na concha acesa da música

lá onde se escoam os sonhos
ou se abrem os pórticos e as abóbadas
dos mosteiros mais antigos

nada as perturba
as dores dos homens
a força do vento
a morte sempre adiada

são o apelo do céu
anjos experientes de caminhos
lágrimas ou feridas que circulam
entre Orfeu e Euridice

Janeiro, 2020

A noite cai

A noite cai sem medida
sobre os ossos do medo
o silêncio é agora
uma floresta de ausências
um intervalo
entre nascer e morrer

a noite
pórtico do sono
entre colunas e capitéis

escrita submersa
nas ondas do cérebro
as lágrimas diluídas
o rosto do riso
que resta

a noite
as árvores silenciosas
o vento perdido
as pedras sepultadas
no alto das colinas



www.porto.pt



 [camaramunicipaldoporto](https://www.facebook.com/camaramunicipaldoporto)

 [cmporto](https://www.instagram.com/cmporto)

 [camaradoporto](https://www.youtube.com/camaradoporto)



DIA INTERNACIONAL
MUSEUS

FAZEM-NOS FALTA AS PESSOAS
ESTAMOS À SUA ESPERA

